

**Frente Nacional do Trabalho
e
Grupo de União e Consciência Negra**

**Caderno de Formação
Série NEGROS**



**ESCRavidÃO
E
LIBERTAÇÃO**

Editado e impresso pela Frente Nacional do Trabalho
Avenida Ipiranga, 1.267 9º andar

A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA
NOVEMBRO DE 1982

*O objetivo da FNT ao publicar a série "NEGROS" é contri-
buir para a discussão e a reflexão, tanto por parte de brancos
como de negros, sobre a situação atual e a história dos brasi-
leiros negros.*

*O primeiro caderno aborda a história do negro no Brasil,
desde a escravidão até 1800.*

No próximo caderno, o tema principal será religião.

Companheiro,

Quantas vezes você já ouviu isto: "O Brasil é uma democra-
cia racial. Aqui não existe preconceito de cor. Brancos e ne-
gros tem as mesmas oportunidades na vida". E logo em seguida
a pessoa ajunta mais uma coisinha: "Preto não sobe na vida por
que é preguiçoso."

Quantas vezes todos nós não ouvimos essas coisas: O bran-
co, quando está com raiva do negro, diz "negro sem vergonha",
"negro é sujo, é vagabundo, é violento"; e quando o branco gos-
ta de um negro, diz: é um preto de alma branca", ou "é preto,
mas é boa pessoa, honesto, trabalhador". Claro que nem todo
branco pensa assim. Aliás, a maioria das pessoas diz que aqui
não existe preconceito; mas na prática todo mundo conhece fa-
tos que mostram claramente o preconceito, isto é, um julgamen-
to antecipado, uma opinião formada sem reflexão.

Nestes cadernos nós vamos refletir sobre a situação dos ne-
gros no Brasil: como é hoje, como foi ontem. As diferenças
entre aquilo que se ouve e aquilo que se vive; as diferenças de
oportunidades para brancos e negros; a história do negro brasi-
leiro, seu sofrimento e sua garra na luta pela libertação.

Este caderno é um trabalho de vários encontros feito pelo
"Grupo de União e Consciência Negra", e "Frente Nacional do
Trabalho".

O grupo tem seus trabalhos em 15 estados do Brasil e procu-
ra dentro da realidade despertar uma consciência crítica e po-
lítica do negro na recuperação de nossa identidade, assumindo
nossa negritude, na descoberta de nossos valores pessoais, co-
munitários dentro desse sistema opressor.

Sofrendo as consequências de uma ideologia branca, lutando
contra uma marginalização que cai sobre sua raça, lutando por
uma sociedade justa, o negro deve ser agente direto no proces-
so concreto da transformação de sua própria história e socieda-
de.



ALGUNS FATOS

Se a gente começar a conversar sobre preconceito de cor, vai ver que tem muita coisa pra falar, e muita coisa pra pensar e conhecer melhor. Uma história puxa outra, e a gente vai lembrar de tanta coisa!

O preconceito existe, tanto da parte dos brancos como dos próprios negros. Há um ditado que diz: "negro rico é moreno, mulato pobre é negro". Há outro que diz assim: "negro tem gosto de ser branco na sola do pé".

Há também versos cheios de preconceito, como por exemplo nesta quadrinha:

"Negro não vai pro céu
nem que seja rezador
porque tem cabelo duro
que espeta Nosso Senhor"

Se a gente reparar, vai ver que os programas de televisão transmitem preconceito de cor; os livros usados nas escolas também transmitem preconceitos; a violência policial é maior em relação aos negros. Enfim, o preconceito entrou em toda a sociedade, e até dentro de nós mesmos.

Que casos você lembra, seja em casa, ou no trabalho, ou na rua, na igreja, na escola, que mostram o preconceito racial?

ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS

No Brasil os negros sempre foram tratados com discriminação. Discriminar é tratar de modo desigual, tratar com preconceito.

Até agora nós levantamos o preconceito em termos de idéias, comportamentos, meios de comunicação. Vamos agora olhar para alguns dados estatísticos, isto é, estudos sobre a população através de quantidades, medidas em números. E vamos ver que a maioria dos negros é pobre e está em desvantagem social em relação aos brancos.

Em 1980, pelo Censo Demográfico, a população brasileira era de 119 milhões de brasileiros, sendo 55% brancos; 38% que o Censo classifica de "pardos", isto é, mulatos, mestiços, índios, caboclos, etc; 6% pretos e menos de 1% amarelos. Somando os que não são brancos, temos 44% que são descendentes de negros ou índios.

Essa proporção aumentou, como a gente vê nesta tabela:

- 1940 - 36% da população era de negros e "pardos"
- 1950 - 41% da população era de negros e "pardos"
- 1960 - 38% da população era de negros e "pardos"



Pode ser que os negros e mulatos sejam bem mais numerosos. A gente não sabe quem foi considerado branco na pesquisa; há pessoas que para uns são brancas, e para outros, mestiças.

De qualquer forma, esses dados mostram que o número dos negros e mulatos aumentou, no conjunto da população.

Esse dado é importante para a gente constatar que a ideologia do embranquecimento não tem hoje uma base real. A ideologia do embranquecimento é uma tentativa de esquecer a escravidão, de disfarçar a opressão dos negros e mulatos, de negar a identidade do negro. Nós vamos ver com mais profundidade essas idéias, mais pra frente. Quando recordarmos a Lei Áurea, de 1888, veremos que desde aquela época tentava-se "embranquecer" a população.

Outro dado do Censo de 80 importante para mostrar a situação social dos negros refere-se às pessoas que trabalham fora de casa, que são ao todo, no Brasil, 43 milhões e 700 mil.

Dessa população, 33% ganha até um salário mínimo, correspondendo a 47% dos negros, 45% dos pardos, 24% dos brancos e 10% dos amarelos.

61% de todos os trabalhadores ganham até dois salários mínimos: são cerca de 26 milhões de trabalhadores. Esses 26 milhões são compostos por 78% dos negros, 72% dos pardos, 53% dos brancos, 23% dos amarelos.

Quer dizer, embora os negros, segundo o Censo sejam apenas 6% da população, quase 80% deles ganha até dois salários mínimos. E os pardos, que são descendentes de negros ou índios, são 72% ganhando até dois salários mínimos. Esse número cai para 53% em relação aos brancos, e cai mais ainda em relação aos amarelos, para 23%.

Com tudo isso, queremos mostrar dois fatos importantes:
- primeiro, a grande maioria da classe trabalhadora, inclu

indo todas as cores, está esmagada pelos baixos salários. O salário-mínimo, que hoje (em maio de 82) é de Cr\$ 16.680,00 em São Paulo, para satisfazer o mínimo das necessidades do trabalhador deveria ser, segundo o DIEESE (Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos, Sociais e Econômicos) de Cr\$. 42.000,00. No entanto, 61% de todos os trabalhadores brasileiros ganha no máximo cerca de 34 mil cruzeiros.

- segundo, dentro do conjunto da classe trabalhadora, em termos de comparação de raças, os negros e mulatos estão muito mais esmagados que os brancos.

Tudo isso faz a gente lembrar o que disse um companheiro: que onde existe preconceito racial, existe também desigualdade social, existem exploradores e explorados.

Por que você acha que existem essas diferenças sociais e econômicas entre brancos e negros? Será que sempre foi assim?

PUXANDO A HISTÓRIA

A opressão dos negros vem de muitos séculos atrás, desde quando os portugueses começaram a escravizar negros. Os portugueses e outros povos europeus começaram a traficar negros, isto é, vender como mercadoria. O tráfico de negros foi o comércio feito pelos europeus, onde o negro era comprado e vendido como mercadoria, para ser escravo.

Para entender a escravidão e o tráfico de negros africanos, que marcaram profundamente a vida do Brasil, é preciso começar do começo, isto é: começar por lembrar o que estava acontecendo na Europa, naquele tempo.

Na Europa, durante os séculos 15 (de 1400 a 1499) e 16 (de 1500 a 1599) os países que mais se destacaram foram Portugal e Espanha. A Europa estava saindo da Idade Média e entrando na Idade Moderna.

Na Idade Média a sociedade européia estava dividida em senhores e servos. Não havia países. O desenvolvimento do comércio pouco a pouco forçou a situação a mudar. Na passagem da Idade Média para a Idade Moderna começam a surgir os países, governados por reis. O comércio continuou crescendo, e os comerciantes procuravam sempre novos mercados para comerciar. Procuravam fontes de altos lucros. Com a ajuda dos reis, começaram a fazer grandes viagens, em busca de novas terras para comércio, viagens chamadas Grandes Navegações.

Portugal e Espanha foram os países que primeiro formaram governos sólidos, onde o rei tinha muito poder, e por isso foram os primeiros a reunir condições para se lançar ao mar rumo às conquistas. As conquistas marítimas exigiam muito dinheiro, e só as monarquias já fortes teriam condição de arcar com essas despesas.

Portugal e Espanha foram os primeiros países da Europa a navegar em busca de novos mercados para comércio.

O primeiro objetivo era atingir as Índias, contornando a África. Os países da Europa brigaram muito entre si, disputando os novos mercados, seja na Ásia, na África ou nas Américas. Pouco a pouco, Portugal e Espanha perdem o lugar privilegiado, e Inglaterra, França e Holanda também estabelecem suas colônias.

Vários países, como Inglaterra e França, por muito tempo se dedicaram à pirataria, isto é, ao roubo em pleno mar, de navios portugueses e espanhóis, mesmo depois que já tinham formado suas companhias de comércio. A pirataria era uma coisa comum naquele tempo.

Os europeus chamavam suas colônias de "novas terras". Mas isso é muito relativo: as colônias eram novas terras somente para os europeus. É claro que para os africanos, os asiáticos, ou os índios brasileiros, sua própria terra não era desconhecida. Por exemplo, para os índios brasileiros, os "novos povos" eram os portugueses que chegavam.

Por isso, quando se diz que os portugueses "descobriram" o Brasil, isso é muito relativo. Apenas quer dizer que descobriu o Brasil para a Europa. Para os índios, já estava descoberto há muito tempo.

Você sabe alguma coisa sobre a vida dos índios brasileiros antes da chegada dos portugueses?

A IDADE MODERNA

Os países europeus que tinham colônias, eram chamados metrópoles. O crescimento econômico das metrópoles dependia das colônias.

As colônias enriqueceram muito as metrópoles. Mas aqui uma coisa precisa ficar bem clara, pra gente não fazer confusão: não eram todas as pessoas dos países europeus que ficavam ricas. Na Europa também havia divisão da sociedade em ricos e pobres. As riquezas que saíam das colônias enriqueceram a classe dominante, os mais ricos. Os pobres de lá nada ganharam. Ao contrário, também eram explorados pelos ricos. Só pra gente ter uma idéia disso, vamos dar um exemplo:

Na Inglaterra os camponeses expulsos das terras onde moravam iam para as cidades procurar trabalho. Mas na cidade não havia trabalho para todos. Os ricos diziam que os pobres não queriam trabalhar. Em 1547 o rei da Inglaterra decreta uma lei onde diz que

"... se alguém se recusa a trabalhar, será condenado como escravo da pessoa que o denunciou como vadio. O dono deve alimentar seu escravo com pão e água, bebidas fracas e restos de carne, conforme achar conveniente. Tem o direito de forçá-lo a executar qualquer trabalho, por mais repugnante que seja, flagelando-o e pondo-o a ferros. Se o escravo desaparecer por duas semanas, será condenado à escravidão por toda a vida e será marcado a ferro, na testa e nas costas; se escapa pela terceira vez, será enforcado como traidor. Todas as pessoas tem o direito de tomar os filhos dos vagabundos e mantê-los como aprendizes nas oficinas, os rapazes até a idade de 24 anos, e as moças até 20 anos. Se fugirem serão, até essa idade, escravos do mestre, que pode castigá-los como quiser."

Pois é! Assim era a perseguição ao trabalhador inglês, já em 1547. Lá a escravidão era disfarçada. Dizia-se que todos eram livres, mas quem não encontrasse trabalho podia ser capturado por qualquer um, e ser seu escravo. Aqui no Brasil, e nas outras colônias, a escravidão era declarada, não tinha disfarce nenhum.

Você e seus companheiros conhecem casos de escravidão disfarçada hoje?

PORTUGAL E O BRASIL

A metrópole tinha todos os direitos de monopólio em relação à colônia. Monopólio quer dizer: sem concorrência de ninguém. Isto é, só a metrópole podia comprar ou vender mercadorias para as colônias. No caso brasileiro, só Portugal podia comercializar com o Brasil. Com isso, Portugal garantia altos lucros para si.

O Brasil, enquanto colônia, produzia para Portugal produtos que tinham sucesso na Europa, como o pau-brasil, o açúcar, mais tarde ouro e prata. Alguns comerciantes portugueses passaram a se dedicar totalmente ao comércio com as colônias.

O primeiro produto brasileiro que foi vendido na Europa foi o pau-brasil. Os portugueses foram cortando as árvores, sem se preocuparem em replantar, até o pau-brasil acabar.

Depois foi a cana-de-açúcar. A produção da cana-de-açúcar enriquecia os comerciantes e a Coroa portuguesa de várias maneiras:

Primeira: os mercadores portugueses compravam a cana a baixos preços, no Brasil, e revendiam a altos preços na metrópole. Com isso tinham grande lucro.

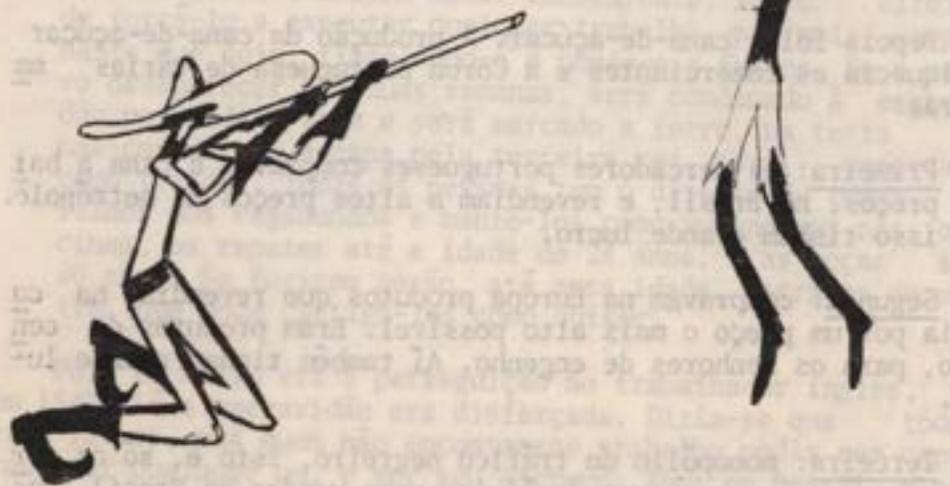
Segunda: compravam na Europa produtos que revendiam na colônia por um preço o mais alto possível. Eram produtos de consumo, para os senhores de engenho. Aí também tinham grande lucro.

Terceira: monopólio do tráfico negreiro, isto é, só os portugueses traziam escravos da África para vender no Brasil. Dos lucros do tráfico, uma parte ficava com os comerciantes, outra ia para a Coroa portuguesa, outra ia para os padres da Ordem de Cristo, isto é, os jesuítas.

O tráfico e a escravidão foram fundamentais para todo esse sistema funcionar tão bem. Sem eles, as colônias não teriam dado tantos lucros à Europa.

No início só Portugal fazia tráfico negreiro. Mas tarde todas as metrópoles querem participar também, porque dava muito dinheiro. Os ingleses e os holandeses foram para a África comprar escravos.

Não só o Brasil foi colônia. Toda a América do Sul, América Central e América do Norte foram colônias de algum país europeu.



O NASCIMENTO DO CAPITALISMO

Todo esse enriquecimento serviu para a formação do capitalismo na Europa. Então o sentido profundo da colonização é ao mesmo tempo comercial e capitalista: comercial, porque se faz através das trocas; capitalista porque vai servir para a arrancada capitalista nas metrópoles.

Essa arrancada capitalista foi o desenvolvimento da indústria, que trouxe junto duas novas classes sociais: os patrões e os operários.

O COMEÇO DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Só interessava a Portugal ocupar e povoar o Brasil na medida em que trouxesse riqueza, isto é, na medida em que a colônia fosse explorada pela metrópole.

No Brasil as condições para o trabalho livre eram desfavoráveis aos portugueses. Havia muita terra desocupada, dada condição a que o trabalhador preferisse trabalhar em um pedaço de terra para si e sua família, em vez de trabalhar para os portugueses. Ninguém iria, de boa vontade, trabalhar espontaneamente nas plantações de cana, em troca de um salário. Iriam plantar o que quisessem, para sobreviver, e não o açúcar ou qualquer outro produto para ser vendido na Europa. E assim os comerciantes portugueses não teriam lucro.

Então, para plantar cana, o trabalho só podia ser escravo. Mas por que escravos negros, vindos da África? Primeiro, por que Portugal já fazia tráfico de negros da África para a Europa, e era um negócio muito rendoso. Segundo, o tráfico negro para o Brasil abria um novo espaço para o comércio, e por tanto abria uma nova fonte de lucros para os comerciantes e para a Coroa portuguesa.

O ÍNDIO E A ESCRAVIDÃO

Muitas vezes a gente ouve dizer que os índios não foram escravizados. Isso não é verdade. Durante todo o período colonial os índios foram perseguidos, caçados, vendidos e obrigados a trabalhar para os portugueses. Muitas vezes tribos inteiras eram massacradas. Os portugueses estimulavam as guerras entre as tribos; procuravam apoio de algumas tribos para perseguir escravos que fugiam dos engenhos.

Quando os portugueses chegaram havia milhões de índios no Brasil. Hoje há menos de duzentos mil.

Quanto à escravidão, o Índio conhecia bem a terra. Estava em sua casa, junto de sua gente. Por isso era difícil para o branco manter o Índio no engenho.

Além disso, o lucro do Índio caçado e vendido ficava dentro do Brasil, não ia para Portugal. Por isso o tráfico africano interessava muito mais à Coroa portuguesa.

Mas é claro que os portugueses não diziam essas coisas. Diziam que o Índio não servia, porque era preguiçoso, não queria trabalhar...

O que você e seus companheiros ouvem falar sobre os índios brasileiros?

EM RESUMO

O Brasil, como colônia de Portugal, era visto como fonte de exploração, produzindo mercadorias que tivessem sucesso comercial na Europa, e comprando mercadorias européias. Para produzir na colônia, só com trabalho escravo, pois as condições de trabalho eram desumanas, e ninguém por livre vontade trabalharia nas plantações de cana ou outro produto qualquer para Portugal. O escravo negro convinha muito a Portugal, porque o tráfico era mais uma fonte de lucros. O Índio, por sua vez, foi perseguido e escravizado durante séculos, inclusive pelos bandeirantes paulistas, que mais se destacaram na perseguição aos Índios.



OS NEGROS NA ÁFRICA

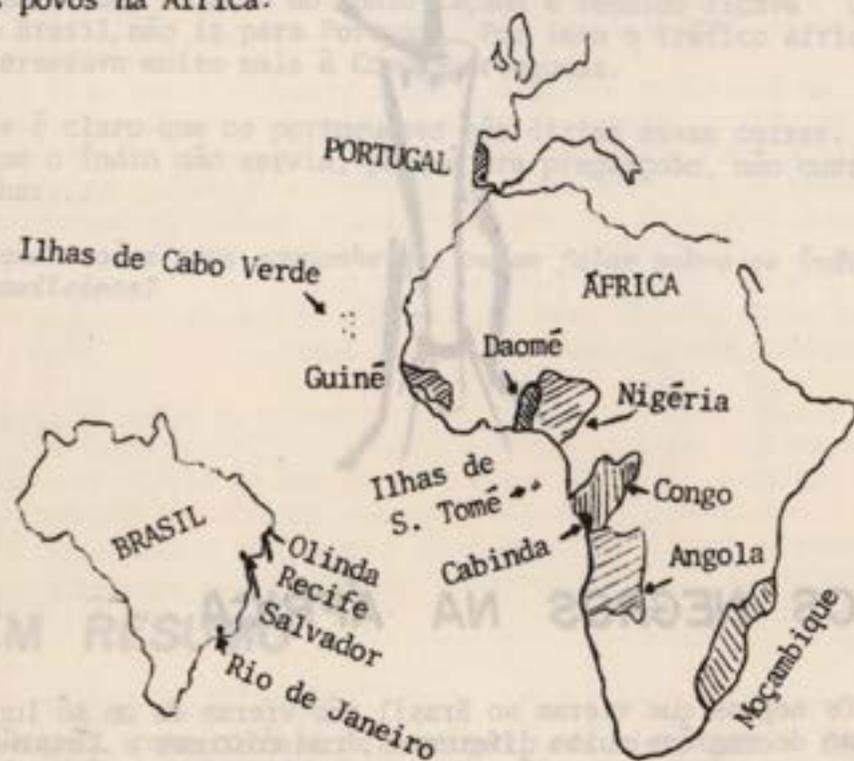
Os negros que vieram ao Brasil não vieram de um só lugar. Vieram de regiões muito diferentes, com costumes e línguas diferentes, e diferentes níveis de desenvolvimento econômico. Por isso não podemos falar de uma cultura negra, mas de culturas negras, no plural.

A grosso modo, os negros que vieram ao Brasil pertenciam a dois grandes grupos: sudaneses e bantos.

Entre os bantos, alguns povos que vieram para o Brasil foram os cabindas do Congo, os benguelas de Angola, os maxcongos e rebolos também de Angola, os macuas e os angicos de Moçambique.

Entre os sudaneses, destacaram-se os iorubas ou nagôs, da Nigéria, os geges ou ewes do Daomé, etc. Havia sudaneses de influência muçulmana, como os haucas e os mandingas, que eram grandes guerreiros. No próximo caderno vamos ver que estes guerreiros lideraram revoltas em Salvador, na Bahia.

Este mapa dá pra gente ter uma idéia de onde moravam todos esses povos na África:



Neste mapa vemos também os principais locais de chegada dos negros no Brasil

Todos esses povos tinham culturas bastante diferentes. Os iorubas, por exemplo, eram superiores em certos pontos até mes

mo à cultura européia, na técnica de uso dos metais. Possuíam sociedades baseadas na posse comum da terra, onde trabalhavam em conjunto.

Disse um historiador, Edison Carneiro:

"A religião, a organização política e os costumes sociais de Ioruba davam o modelo a uma vasta zona. Os negros de Ioruba eram principalmente agricultores, mas os seus tecelões, os seus ferreiros, os seus artistas em cobre, ouro e madeira já gozavam de merecida reputação de excelência. Não havia abundância de animais de caça, mas a pesca, nos rios, nos lagos e no mar rendia muito. Criavam-se animais de subsistência - cabras, carneiros, porcos, patos, galinhas, pombos. O cavalo era conhecido há muitos séculos, devido ao contato com os árabes. O fundador do reino de Ioruba representava-se, nos mitos, montado num corcel".

Diz outro historiador, Júlio José Chiavenato: "Em Gana e na Nigéria utilizavam-se enxadas de ferro antes que os portugueses soubessem o que era isso". Esse historiador cita outra historiadora, que fala sobre o Mali:

"O mais famoso soberano de Mali foi Mansa Musa (algumas vezes chamado Gonga Musa) que subiu ao trono em 1307. Fortemente influenciado pelo islamismo (religião muçulmana ou maometana), Mansa Musa realizou a ambição maometana de uma peregrinação a Meca. O esplendor de sua corte mostrou-se durante a viagem, que começou em 1324. Cerca de 60 mil pessoas acompanharam o rei. Havia soldados, grandes personalidades da terra, secretários gerais e servos. Quinhentos escravos, cada qual carregando um bastão de ouro puro, caminhavam em fila comprida. Para pagar as despesas de viagem, o rei levava 12 toneladas de ouro. Havia tanto ouro que foram necessários mais de oitentas camelos para transportá-lo. No Cairo, a caminho de Meca, os grandes gastos de Mansa Musa causaram uma ligeira inflação." (Mabel Morsbach)

Estes são apenas alguns exemplos de que, ao contrário do que a história oficial ensina em muitas escolas brasileiras, os portugueses não encontraram na África "um bando de negros, selvagens, semi-nus", mas sim encontraram civilizações adiantadas e ricas.

PORTUGAL NA ÁFRICA

Até 1448 muitos negros africanos já tinham sido levados como escravos para Portugal. Em 1551, na capital do país, Lisboa, em cada 100 habitantes 10 eram escravos.

O rei de Portugal ganhava 10% na venda de escravos. E a Ordem de Cristo ganhava 5%. Eis aí a razão dos jesuítas não criticarem a escravidão negra, embora criticassem a escravidão dos índios.

Portugal vendia também muitos escravos para as colônias espanholas, nas ilhas da América Central.

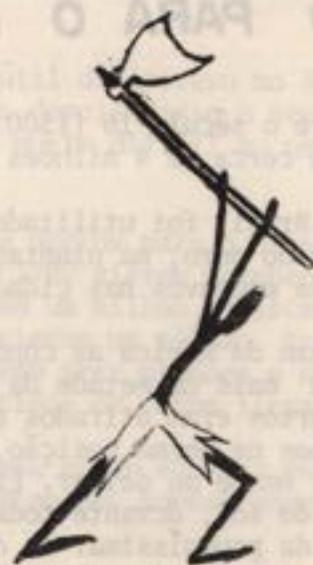
Negro, para ser escravo, não era visto como gente. Era visto como "peça", e vendido a metro e a tonelada. Um adulto negro, com 1,75 metro, correspondia a uma peça. Três peças faziam uma tonelada. Duas crianças de quatro a oito anos correspondiam a uma peça. Três meninos de oito a quinze anos, duas peças. Dos 35 aos 40 anos, dois negros uma peça.

Para o Brasil, o tráfico negreiro ganhou mais peso a partir de 1550, quando a cultura canavieira passou a crescer muito.

Para caçar os negros na África, Portugal estimulou as guerras entre as tribos. Os portugueses firmavam alianças com chefes de algumas tribos, que perseguiam outras. E cumpriam as regras do jogo, só embarcando os negros realmente escravos.

Os portugueses iniciavam o contato com os chefes dando presentes, como tecidos finos, vinhos, espadas, enfeites. Em troca, iam pedindo coisas. Primeiro coisas de comer, depois gente, depois, quando os chefes já estavam dependentes dos produtos portugueses, estes passavam a cobrar impostos. De forma que em 1620 havia 204 chefes africanos obrigados a entregar escravos aos portugueses, além de aves, animais, panos, etc. Isso gerou muitas tensões e revoltas na África.

Os negros que eram presos e entregues aos portugueses eram marcados com ferro em brasa, e trabalhavam perto do porto, em roças de mandioca e outros trabalhos, até o embarque.



Mesmo na África, os negros nunca aceitaram passivamente a escravidão. Na ilha de São Tomé, onde os portugueses também tinham plantações de cana com braço escravo, houve várias revoltas que ficaram na história, como em 1574 e em 1595.

Os números da guerra contra os negros são terríveis. Na África, entre mortos nas guerras e escravizados, foram cem milhões de negros. Esse número engloba os mortos, os que foram escravizados na própria África, e os que foram mandados para outros continentes: América do Norte (Estados Unidos), Central (Antilhas, Cuba, Jamaica, Haiti) e do Sul (Brasil, Guianas, e Europa. Para a gente ter uma idéia desse número, a população brasileira em 1980 era 119 milhões. Quer dizer, é como se morresse quase toda a população brasileira, sobrando só 20%.

A escravidão e as guerras atrasaram a África violentamente. A miséria dos povos africanos hoje tem muito a ver com isso.

O TRÁFICO PARA O BRASIL

Para o Brasil, entre o século 16 (1500 a 1599) e o século 19 (1800 a 1899) vieram cerca de 4 milhões de negros.

O escravo negro no Brasil foi utilizado na plantação de cana, depois na mineração do ouro, na plantação de café, do fumo, do algodão. Também havia escravos nas cidades.

Nos navios que vinham da África as condições de vida eram tão ruins que era comum mais da metade da população negra morrer. Os doentes e os mortos eram atirados ao mar. A viagem era feita toda com as pessoas na mesma posição, sentadas, pois não havia espaço para ficar em pé ou deitar. Ficavam em porões escuros, sem ver a luz do sol, durante toda a viagem. A água era racionada, e a comida pouquíssima. Ao desembarcarem no Brasil, imediatamente os negros eram batizados.

Como já dissemos, a Igreja apoiou o tráfico. O papa Nicolau V, em 1454 autorizou o mercado escravo de africanos pela bula "Romanus Pontifex". A Igreja justificava o tráfico dizendo que o negro era pagão, e a escravidão era uma forma de salvar o negro, salvar sua alma, prometendo-lhe a vida eterna, depois da morte.

Claro que havia alguns padres que não concordavam com isso. Mas eram deixados de lado, e chamados de volta para Portugal.

Já na África as famílias eram separadas: pais e filhos, marido e mulher, irmãos, amigos. As tribos eram desfeitas.

Arrancados de suas terras, quebrados os laços familiares e tribais, iniciava-se o processo de perda de identidade do negro. Essa desestruturação se agravava na viagem, com as duras condições de vida nos navios. Ao chegar no Brasil os sobreviventes eram vendidos e iam para os engenhos. Aí se completava o processo de desestruturação: ficavam os negros obrigados

a trabalhos forçados, só parando para dormir, para sustentar uma sociedade que não era sua, e que só lhe dava opressão em troca.

A média de vida útil do escravo no Brasil era de apenas sete anos. Muitas vezes depois disso o senhor deixava o escravo livre, só que aí era muito difícil ao negro arranjar um jeito de sobreviver.

Vieram milhões de negros para o Brasil. Até 1599, vieram vinte mil. De 1600 a 1700 vieram quinhentos e cinquenta mil. De 1700 a 1800, vieram um milhão, seiscentos e dez mil negros. E entre 1801 e 1852 vieram um milhão, trezentos e cinquenta e três mil. Ao todo foram três milhões e seiscentos mil, sem contar os que foram trazidos de forma ilegal.

O que você já ouviu dizer sobre a vida dos negros na África e sobre o tráfico nos navios negreiros?

A PRODUÇÃO COLONIAL

As características dessa produção eram:

- produção para mercado externo, isto é, para exportar para outro país
- monocultura, isto é, plantar basicamente um produto só
- o trabalho escravo
- fazendas muito grandes, constituindo os latifúndios

A estrutura escravista não era favorável ao progresso técnico, na produção. Isto é, a tecnologia não se desenvolvia nos engenhos. Quando a produção crescia, era porque havia novas terras sendo cultivadas. Nunca era por novos instrumentos de trabalho.

Não havia nenhuma preocupação em cuidar da natureza. Isso contribuiu para começar a haver seca no nordeste.

CASA GRANDE, CAPELA E SENZALA

Na fazenda havia a casa grande, a senzala, a capela e a casa de engenho.

A casa grande era onde morava o senhor de engenho e sua família. O senhor era o dono de tudo: da casa, da mulher, dos filhos, dos escravos, da terra, do engenho, dos produtos. Havia poucas mulheres brancas, e eram totalmente subordinadas aos homens. Enquanto solteira, não saía de casa, dormia num quarto sem janelas, era vigiada noite e dia para se conservar virgem. Sendo virgem, o pai negociaria um bom casamento, isto é, um bom negócio, de seu interesse. Depois de casada, servia para parir filhos e comandar os escravos domésticos. Quando havia visitas, só entrava na sala com ordem do marido.

A capela ocupava grande importância no engenho. Era construída com muito cuidado. Ser padre era valorizado, como posição social, e todo senhor de engenho procurava ter um padre na família.

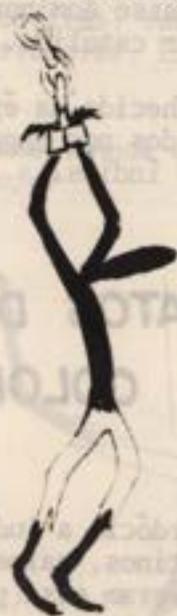
A igreja foi uma grande pregadora da escravidão, isto é, passava idéias que justificavam a escravidão. Tinha muito poder:

- era a igreja que tinha nas mãos o ensino primário e secundário
- a igreja tinha o monopólio do casamento - não havia casamento civil
- não era permitido a nenhuma outra religião ter templos no Brasil
- a confissão era uma arma, pois através dela o padre procurava aplacar a rebeldia dos revoltados.

A senzala era um barracão, onde os negros dormiam, trançados. Os mais rebeldes eram acorrentados.

De maneira nenhuma os escravos se conformavam com essa situação. Infelizmente tudo que sabemos daquela época foi contado por brancos, não há testemunhos de escravos na época colonial. Muitos documentos foram queimados. Rui Barbosa, por exemplo, foi um dos que procurou queimar os documentos relativos à escravidão.

Mesmo assim, as informações que chegaram até hoje mostram que os negros nunca se sujeitaram à escravidão. Uma das provas disso é a violência dos castigos a que eram submetidos, sendo comum, no engenho, a tortura e a morte. O senhor tinha direito de vida e morte sobre o escravo. Há vários livros que descrevem os castigos, tais como cortar partes do corpo, marcar com ferro em brasa, chicote, prender com correntes em troncos, por dias a fio - e muitos outros. Na cidade de Salvador o largo do Pelourinho até poucos anos atrás ainda tinha o pelourinho, poste de pedra onde o escravo era amarrado e chicoteado.



A comida do escravo também era o mínimo necessário para que ele continuasse trabalhando; geralmente farinha de mandioca, um pouco de feijão, às vezes carne salgada. A feijoada vem daí, pois tudo que era resto - pé de porco, buchada, rabo, ia para o escravo, que misturava com feijão.

Havia uma separação entre escravos domésticos e escravos da roça. Os da roça eram mais numerosos, e dormiam todos nas senzalas. Os domésticos às vezes dormiam nos fundos da casa grande.

Uma forma de explorar mais ainda os negros era através do sexo. Os senhores de engenho obrigavam as negras a terem relações sexuais com eles. A mistura da raça branca com a negra durante a escravidão não foi, assim, um produto do amor. Foi o resultado da violência e da opressão feita pelos brancos. Embora os homens brancos violentassem as negras, o casamento entre brancos e pretos era proibido.

A desfrancização - isto é, o escravo assumir como seus os valores da classe dominante - era o único jeito do escravo subir na escala social. Entre os escravos domésticos muitas vezes ocorria assim um desejo de branqueamento, entendido como assumir os valores da classe dominante, que incluía abandonar sua religião e se tornar católico.

Um aspecto pouco conhecido da época colonial é que a maioria dos remédios utilizados nos engenhos eram remédios conhecidos pelos negros e pelos índios.

OUTROS FATOS DA SOCIEDADE COLONIAL

Era proibido o sacerdócio a judeus, negros e mulatos. Algumas ordens, como beneditinos, carmelitas, franciscanos, e ordens femininas, mantiveram essa proibição até 1950.

Para separar os negros e os brancos, nas igrejas, foram criadas as irmandades, para negros e mulatos. Havia irmandades de negros, e outras de mulatos. Embora os negros frequentassem uma irmandade, não tinham controle sobre ela.

Não havia só senhores de engenho e escravos na sociedade colonial. Entre os mais ricos, havia os comerciantes; havia outros lavradores ricos, que arrendavam terras dos senhores de engenho, durante alguns anos. Depois havia artesãos vindos de Portugal, que passaram a desprezar o trabalho manual e a ter escravos para esse trabalho. Entre os pobres, havia agregados, parceiros, meeiros. Os mais pobres eram os livres pobres, que viviam em fome constante: havia brancos, mamelucos (filho de branco e índio), mulatos, negros livres, que não arranjavam trabalho algum. Muitos eram mendigos e prostitutas.

Os pobres eram chamados de "plebe", "ralê", ou "vulgo".

Os ricos, senhores de engenho, comerciantes e artesãos, eram chamados de "povo".

Entre os escravos, além dos que trabalhavam nos engenhos, havia escravos barqueiros, oleiros, vaqueiros, marinheiros, carpinteiros, ferreiros, serradores. Estes escravos eram chamados "ladinos".

Você acha que existem semelhanças entre a sociedade colonial e a sociedade de hoje?



A LUTA DO ESCRAVO

Havia muitos jeitos dos escravos se revoltarem contra a opressão. O escravo lutou muito, dentro e fora do engenho.

Dentro do engenho, das seguinte maneiras:

- o banzo, que era uma tristeza profunda, até a morte
- o assassinato do opressor, geralmente o feitor, às vezes o próprio senhor de engenho
- suicídio, individual ou coletivo. O suicídio coletivo não foi raro. O escravo sabia que o branco perdia muito com a morte do escravo, pois perdia seu capital investido.
- rituais religiosos: eram uma forma de negar os valores brancos, reafirmando o ser-negro. Era forma de rebeldia coletiva.
- fuga individual: a fuga individual era difícil, porque a perseguição era feroz, seguida de tortura e morte, e sobreviver sozinho no mato era difícil.

Fora do engenho, as fugas em massa para as matas criaram as sociedades onde os negros eram livres: os quilombos.

O que você aprendeu sobre a vida dos escravos nos engenhos?

OS QUILOMBOS

Muitas vezes a gente ouve dizer que o senhor de engenho era bondoso, e que o escravo era dócil e submisso; quase nada se fala sobre revoltas. No máximo cita-se de passagem algum quilombo.

Mas a realidade foi muito diferente. Havia uma tensão constante nos engenhos. Os instrumentos de tortura não eram para

enfeite. O senhor de engenho só mantinha o escravo no engenho usando a mais extrema violência, como já vimos.

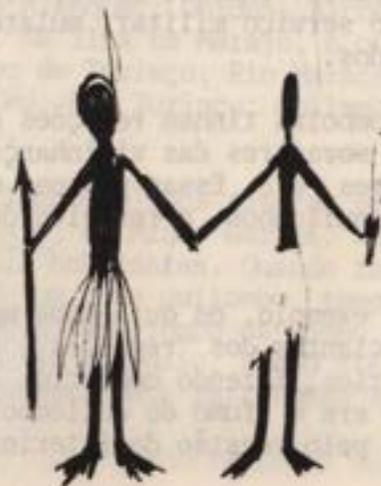
Os quilombos foram aldeias livres de negros que fugiam para o mato. Os quilombos surgiram no Brasil inteiro, durante todo o período em que houve escravidão negra no Brasil. Esses dois fatos são muito importantes para conhecer a história do negro no Brasil. Primeiro, que os quilombos não foram poucos, mas muitos, e em todo o país. Segundo, que existiram não só num certo momento, mas durante todo o período em que houve escravos no Brasil.

NO QUILOMBO NÃO HÁ CLASSES

O quilombo era o lugar onde o negro era livre, era o lugar onde o negro era ele mesmo. No quilombo não havia pobres e ricos, isto é, não havia exploração de uma classe por outra.

Todos trabalhavam em conjunto e dividiam o fruto do trabalho em conjunto. Havia muita fartura de comida. Tudo era planejado de forma a reforçar os laços entre os habitantes. Os habitantes dos quilombos eram chamados quilombolas.

O quilombo era portanto um tipo de sociedade bem diferente da sociedade colonial, e bem diferente também da nossa sociedade de hoje.



TAMANHO DOS QUILOMBOS

Havia quilombos de vários tamanhos. A partir de cinco pessoas, um grupo já era considerado quilombo. E havia quilombos com mais de vinte mil pessoas.

Os quilombos menores eram simplesmente grupos armados. Quanto mais habitantes, mais a organização interna do quilombo crescia. Nos grandes quilombos essa organização era muito desenvolvida, em todos os aspectos do dia-a-dia: produção econômica, forma de governo, família, atividades militares, etc. Em todos eles, grandes e pequenos, havia um ponto comum, que era fundamental a qualquer quilombo: a defesa militar, importante para se proteger contra os ataques dos portugueses.

OS QUILOMBOS NÃO ERAM ISOLADOS

Outra idéia errada que se faz é que os quilombos eram fechados, isolados, sem contatos com outras pessoas. A realidade foi o contrário disso:

Primeiro, porque para o quilombo ia todo tipo de oprimido pela sociedade escravista: índios, escravos, brancos pobres, rapazes que fugiam do serviço militar, mulatos e negros livres mas marginalizados.

Segundo, os quilombolas tinham relações comerciais com vários tipos de gente: moradores das vizinhanças, garimpeiros, viajantes, comerciantes, etc. Essas pessoas muitas vezes traziam informações aos quilombos, a respeito de perseguições contra eles.

No Amazonas, por exemplo, os quilombos mantinham trocas comerciais com comerciantes dos "regatões", que eram barcos que navegavam pelos rios, fazendo comércio. Nas cidades um produto muito procurado era o "fumo do quilombo", de excelente qualidade, que vinha pelo regatão do interior da Amazônia.

Terceiro, os quilombolas tinham contatos com escravos dos engenhos, e também com escravos das cidades. Essa rede de contatos também foi muito importante na defesa dos quilombos. Por outro lado, os quilombolas apoiavam e incentivavam as revoltas nas fazendas e nas cidades.

PRINCIPAIS QUILOMBOS CONHECIDOS

O historiador Clóvis Moura cita vários quilombos conhecidos, na sua obra "Os Quilombos e as rebeliões negras". São eles:

- em Sergipe: Quilombo de Capela; Itabaiana; Divina Pastora; Itaporanga; Rosário; Engenho Brejo; Laranjeiras; Vila Nova.
- na Bahia: Quilombo do Urubu; Jacuípe; Jaguaripe; Maragogipe; Muritiba; Campos de Cachoeira; Orobó; Tupim; Andaraí; Xique-rique; Buraco do Tatu; Cachoeira; Nossa Senhora dos Mares; Quilombo do Cabula.
- em São Paulo: Quilombo do Jabaquara; Moji-Guaçu; Atibaia; Santos; Campinas; Piracicaba; Quilombo do Morro de Araraquara; Quilombo da Aldeia Pinheiros; Jundiá; Itapetininga; Quilombo da Fazenda Monjolinho.
- em Minas Gerais: Quilombo do Ambrósio; Campo Grande; Bambuí; Andaraí; Sapucaí; Careca; Morro de Angola; Parnaíba; Ibituruna.
- Amapá: Quilombo de Oiapoque-Calçoene; quilombo de Mazagão.
- Pará: Quilombo de Alenquer; Óbidos; Alcobaça; Cametá; Caxiú; Mocajuba; Gurupi. Na ilha de Marajó, o quilombo de Anajás.
- Maranhão: Quilombo de Turiaçu; Rio Maracassumê; Quilombo de São Benedito do Céu; Rio Turiaçu; Quilombo da Lagoa Amarela, ou do Preto Cosme.

Entre esses quilombos alguns tiveram grande destaque, como o quilombo do Ambrósio, em Minas Gerais. Esse quilombo chegou a ter mais de dez mil habitantes. Quando foi destruído, no mesmo local foi erguido um novo quilombo, tempos depois, com o nome de Campo Grande. O quilombo de Campo Grande foi maior ainda que o quilombo do Ambrósio. Durou até 1759, ano em que foi destruído pelo bandeirante Bartolomeu Bueno do Prado.

No Maranhão teve muita importância o quilombo do Preto Cos-

me, com mais de três mil pessoas. O chefe Preto Cosme mantinha uma organização militar de alto nível no quilombo. Os negros deste quilombo participaram ativamente da rebelião chamada "Balaiada" que durou de 1830 a 1841.

REBELIÃO DA BALAIADA

Essa rebelião, como tantas outras, começou com uma briga pelo poder entre os mais ricos. Um dos lados incentivava o povo a participar de uma revolta: entraram os índios, os sertanejos, entraram os quilombolas, etc. Depois, quando os mais pobres ameaçavam tomar as cidades, os mais ricos se uniram, e a repressão caiu violentamente sobre os oprimidos.

A Balaiada foi reprimida pelo famoso Duque de Caxias. Dizem que ele foi um grande homem, um grande brasileiro, e há muitas ruas e praças com seu nome. Na verdade, o duque de Caxias foi o comandante e responsável por inúmeros massacres do povo brasileiro. Na Balaiada ele só descansou depois que o Preto Cosme foi enforcado. Mas não foi só a Balaiada que ele reprimiu, foram muitas outras. Por exemplo, teve papel importante no massacre aos paraguaios, na Guerra do Paraguai; no Rio de Janeiro, reprimiu o quilombo Manuel Congo.

A gente vê alguma semelhança entre os quilombos e as favelas de hoje: os dois são considerados moradia de ladrões, marginais, bandidos, negros. No Rio de Janeiro é comum as favelas serem invadidas pela polícia, à bala. Em São Paulo houve a "operação tira da cama", onde a polícia invadia os barracos.

Mas há uma diferença grande entre quilombo e favela. A favela está ligada ao conjunto da sociedade; as pessoas que moram nela trabalham em algum ponto da cidade, e a cidade está dividida em ricos e pobres. Porém nos quilombos não havia pobreza. Não havia rico nem pobre. O quilombo era livre.

Você conhece outros "pretos cosme" de hoje, nas cidades e no campo, que foram perseguidos e mortos por estarem presentes nas lutas dos trabalhadores?

CONTANDO UMA LUTA

Neste caderno não temos condições de falar sobre todas as revoltas populares que aconteceram no Brasil. Também não temos condições de contar a história de cada quilombo.

Por isso vamos contar uma luta: a luta do quilombo de Palmares, que resistiu durante cem anos às perseguições do governo português, dos senhores de engenho, e dos bandeirantes paulistas. Através de sua história podemos conhecer mais o que foram os quilombos.



O QUILOMBO DE PALMARES

O que vamos contar é um pequeno resumo do livro de Décio Freitas: "Palmares, a guerra dos escravos".

A origem de Palmares é anterior a 1600. Não sabemos exata-
mente o ano. Sabemos que os escravos de um engenho se rebelã-
ram, e tomaram o engenho. Ficaram então diante de um problema:
se ficassem no engenho, seriam esmagados pelas tropas do gover-
no. Se levantassem aldeias no litoral, ficariam livres por um
certo tempo, mas seriam apanhados mais cedo ou mais tarde pe-
los capitães-do-mato, profissionais na perseguição a escravos
fugidos, que recebiam pagamento em troca da entrega dos negros
a seus antigos senhores.

Os escravos decidiram então ir para uma região desconheci-
da, perigosa e temida pelos brancos: a região de Palmares. O
nome "Palmares" foi dado porque havia grande quantidade de pal-
meiras na região, que era temida porque havia mata fechada,
sem luz, cheia de mosquitos e animais perigosos. A floresta se
estendia por muitas serras, cercadas por precipícios.

Homens, mulheres e crianças caminharam muito tempo pela
floresta, até escolher um lugar para fundar uma aldeia. O lu-
gar escolhido, na serra da Barriga, foi o início da República
dos Palmares.

CRESCIMENTO DAS POVOAÇÕES

No começo, viviam de caça, pesca, coleta de frutos. Para
os africanos isso era voltar para trás, pois na África tinham
sido povos agricultores, pastores, artesãos, comerciantes,
artistas. Era preciso que viesse mais gente para Palmares,
pois com mais braços seria possível desenvolver mais o quilom-
bo.

Pouco a pouco a população de Palmares aumentou. E a produ-
ção econômica também. Havia palmarinos com muito conhecimento
da metalurgia do ferro, com técnicas trazidas da África. Nos
engenhos tinham sido obrigados a trabalhar com técnicas atrasa-
díssimas. Agora, em Palmares, podiam criar, com seu conhecimen-
to, o que era necessário ao quilombo.

Também houve crescimento na agricultura. Os palmarinos
plantavam milho, feijão, mandioca, cana, batata, legumes diver-
sos, tinham pomares, com vários tipos de frutas, com bananas.
Tanto a preparação da terra para a plantação, como também se-
mear e colher, eram feitos coletivamente, as colheitas eram co-
memoradas com grandes festas.

Das palmeiras, utilizavam o fruto para comer; faziam óleo
para iluminação; faziam azeite, manteiga, vinho. Da casca fa-
ziam cobertura para as casas, esteiras, cestas, abanos.

Criavam animais domésticos, como galinhas e porcos.

DEFESA DAS POVOAÇÕES

Havia várias povoações na região de Palmares. Todas elas
tinham defesa militar popular. Cada povoação era formada por
fileiras de estacas, formando cercas resistentes. Algumas ti-
nham até três dessas cercas. Algumas eram cercadas por muros
de pedra. Eram cercadas também por fossos, com estrepes, pron-
tos a espetar o perseguidor que neles caísse.

PRINCIPAIS POVOAÇÕES

- Palmares chegou a ter onze povoações conhecidas. Eram elas:
- 1- Macaco: foi a mais importante, situada na serra da Barriga,
perto de onde hoje é a cidade de União dos Palmares. Era a
capital da república. Tinha mil e quinhentas casas, com cer-
ca de oito mil habitantes.
 - 2- Amaro: ficava a 54 quilômetros de Serinhaém, com mil casas
e cerca de cinco mil habitantes
 - 3- Subupira: ficava 36 quilômetros de Macaco, perto da serra
da Juçara e das cabeceiras do rio Satuba.
 - 4- Osenga: ficava 20 km a oeste de Macaco
 - 5- Zumbi: 96 km a noroeste de Porto Calvo, pequena cidade do
litoral, em Alagoas

- 6- Acotirene: ficava 30 km a norte de Zumbi
- 7- Tabocas: perto de Acotirene
- 8- Danbrabanga: a 84 km de Tabocas, onde hoje é a cidade de Viçosa
- 9- Andalaquituche: na serra do Cafuxi
- 10- Alto Magano: nas redondezas da atual cidade de Garanhuns, estado de Pernambuco
- 11- Curiva: perto de Alto Magano

Chegaram assim os quilombos a cobrir uma área de 350 quilômetros, de norte a sul, em terras que hoje pertencem ao estado de Pernambuco e ao estado de Alagoas. As principais vilas perto de Palmares eram Porto Calvo, Alagoas, São Miguel, Una, Ipojuca e Serinhaém.

-Este mapa dá uma idéia mais clara da localização das povoações:

ÁREA DO QUILOMBO DE PALMARES



(Edison Carneiro, citado por Clóvis Moura em "Os Quilombos e a Rebelião Negra, Ed. Brasiliense, 2a. edição, São Paulo, 1981)

A POPULAÇÃO DE PALMARES

Desde seu início, Palmares estava aberto a todos os perseguidos pelo sistema colonial. Vinham para Palmares negros com as mais diferentes origens africanas, inclusive com diferentes tradições religiosas e de costumes. Vinham índios, vinham brancos pobres, vinham mestiços. Os quilombolas não tinham preconceito de cor ou raça.

O que os unia era o fato de que todos eram pobres, oprimidos e explorados. E criaram em Palmares uma sociedade sem exploração e sem miséria. E também sem preconceito.

Isso é uma coisa importante pra gente reparar: nas sociedades onde não existe divisão entre ricos e pobres, onde não há explorador nem explorado, também não existe preconceito de cor ou de raça. Onde existe o preconceito, existe também algum tipo de desigualdade social.

Muitas coisas contribuíram para a população de Palmares crescer, até atingir mais de vinte mil pessoas.

Primeiro, escravos de muitos engenhos, sabendo da existência de Palmares, fugiam para lá.

Segundo, a necessidade de sobreviver em um local difícil, de matas e precipícios, e de se defender dos ataques portugueses, levava os palmarinos a descer da serra e procurar mais gente. Eles iam para as plantações buscar homens e mulheres, fossem negras, índias, mulatas ou brancas. Muitas mulheres livres fugiam espontaneamente com eles. Os palmarinos iam também para as cidades, buscar armas, munição e ferramentas de trabalho.

Terceiro, muitos índios abandonavam missões dos jesuítas e iam para Palmares.

Os Palmarinos atacavam os portugueses na estrada que ligava Alagoas a Recife e Olinda. Essas duas cidades eram abastecidas por produtos vindos da região de Alagoas.

Desde o começo do quilombo, os portugueses procuravam reprimir Palmares. Mas todas as expedições fracassavam. Em Palmares, os negros cantavam:

"Folga nego
Branco não vem cá
Se vier
O diabo há de levar
Folga nego
Branco não vem cá
Se ele vier
Pau há de levar."



ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DAS POVOAÇÕES DE PALMARES

Dentro dos povoados palmarinos havia uma rua. Os maiores tinham três a quatro ruas. Ao longo da rua havia casas de ma

deira, cobertas com folhas de palmeiras. No centro havia um largo, com uma casa de Conselho, uma capela, oficinas dos artesãos, mercado e poço.

Cada povoação tinha um chefe, escolhido por sua força, inteligência e habilidade. Tinha também um conselho, que controlava o chefe. As decisões sobre os problemas mais difíceis eram tomadas em uma assembléia geral, da qual participavam todos os adultos da povoação.

Havia leis rigorosas, com pena de morte para roubo, adultério, homicídio, deserção.

A língua falada era uma língua própria, misturando portugueses, línguas africanas e indígenas.

Na religião, combinavam elementos das religiões africanas e cristã. As capelas tinham imagens dos dois tipos.

A presença da língua portuguesa e da religião cristã nos quilombos, misturada com outras línguas e religiões, se deve a muita coisa. É um assunto que dá para refletir muito. Uma das coisas que a gente pode dizer é que provavelmente serviam para unificar pessoas que vinham de culturas muito diferentes. Isto é, na África, os negros que agora estavam em Palmares tinham pertencido a tribos diferentes, até mesmo inimigas. E a religião e a língua de Palmares tinham que incluir a todos, sem privilegiar uma tribo em prejuízo de outra. Para isso, os negros pegaram no cristianismo aquilo que ele tem de libertador, e jogaram fora o "cristianismo" que era ensinado pelos padres nas senzalas, ensinando o escravo a ser passivo e submisso ao senhor de engenho.

Como vemos, Palmares colocou a libertação acima da religião. Tudo que poderia dividir, foi modificado, como a língua e a religião.

O que há de comum em diferentes religiões, hoje, que contribui para nossa união e libertação?

OS PRIMEIROS ATAQUES CONTRA PALMARES

1602: neste ano houve uma primeira perseguição contra Palmares. Quem ia nas expedições contra Palmares sempre buscava com isso conseguir vantagens pessoais. Havia senhores de engenho, interessados em arrebentar uma rebelião de escravos. Havia oficiais militares, interessados em impressionar o rei de Portugal e ganhar alguma coisa em troca. A maioria da tropa era formada por mamelucos, brancos pobres e negros libertos, que pretendiam capturar negros e depois vendê-los. Havia também índios, que se contentavam com pequenos presentes - um espelho, uma faca, um pente. Alguns pretendiam capturar negros para os comerem. Todos esses pobres buscavam melhorar um pouco a miséria em que viviam.

Essa primeira expedição voltou dizendo que tinha destruído totalmente o quilombo. Aliás, as expedições seguintes, por anos e anos, sempre voltavam dizendo isso. E sempre era falso. Logo vinham notícias das atividades dos palmarinos nas redondezas. E sempre com mais gente chegando, no quilombo, e a fama de Palmares crescendo.

1630: até 1630 houve várias expedições dos senhores contra Palmares, sempre com os mesmos resultados. Em 1630 os holandeses invadiram a capitania de Pernambuco. Até certo ponto, Palmares saiu ganhando com isso, porque os portugueses passaram a guerrear com os holandeses. Vamos ver melhor o que foi essa invasão holandesa, e como afetou o quilombo.

A HOLANDA E PORTUGAL

A Holanda e a Bélgica, chamadas Países Baixos, eram quem distribuía na Europa os produtos que vinham das colônias portuguesas. Eram eles grandes comerciantes, e tinham muito capital. Chegaram, inclusive, a financiar a instalação de engenhos no Brasil.

O açúcar brasileiro era refinado na Holanda, e por ela distribuído para outros países. Havia grandes companhias holandesas, que eram uma espécie de "avós" das atuais multinacionais. Não só holandesas, mas também inglesas, e de outros países.

Em 1580 Portugal foi dominado pela Espanha, que cortou a Holanda do negócio do açúcar. Os holandeses então buscaram contato direto com as fontes produtoras de açúcar, tanto na Índia como no Brasil, e também na África.

No Brasil, em 1624 os holandeses chegam à Bahia. Ficaram lá por um ano, sempre combatidos pelos portugueses, e se retiraram. Procuraram um outro lugar, mais adequado para entrar no Brasil. E assim, em 1630, chegaram em Pernambuco.

A INVASÃO HOLANDESA E OS NEGROS

Quando os holandeses invadiram Olinda, e as tropas portuguesas se retiraram, os escravos saem para as ruas, incendiando a cidade. As tropas holandesas entram na cidade, apagam o incêndio e saqueiam a cidade por 24 horas.

Os portugueses e os senhores de engenho organizam a defesa contra os holandeses, utilizando a guerra de guerrilhas. Mas

em 1635 os holandeses conseguem vencer a resistência.

Os portugueses enfrentavam duas frentes de batalha: de um lado os holandeses, de outro os escravos e os índios.

Muitos índios se passam para o lado dos holandeses, contra os portugueses, descarregando sobre estes toda crueldade de que haviam sido vítimas. Uns poucos permanecem com os portugueses, sob o comando de Felipe Camarão, a maioria por dinheiro.

Os negros, entretanto, não escolhem nem portugueses, nem holandeses. Sabiam que nenhum dos dois era flor que se cheiras se. Na Bahia, os holandeses haviam tido apoio de negros, e depois os entregaram aos portugueses para serem novamente escravos. Foi uma das muitas guerras onde os ricos usaram os pobres, ao lado da Balaiada, que já vimos, e outras.

Enquanto os senhores de engenho estão ocupados na guerra com os holandeses, os escravos aproveitam o descuido do amo e fogem para Palmares.

Crescia Palmares. Isso passou a assustar tanto portugueses como holandeses, e os dois grupos chegam a fazer alianças, contra os negros.

Os palmarinos combatiam os dois exércitos, holandês e português. Desesperados, tanto os portugueses como os holandeses passam a prometer alforria, ou liberdade, ao escravo que pegasse em armas do seu lado.

Muitos aceitaram. Do lado dos portugueses, sobressaiu-se o negro Henrique Dias, que em 1639 chegou a receber a patente de Cabo e Governador dos Crioulos e mulatos que servissem ou viessem a servir na guerra.

Quando os holandeses asseguraram sua conquista de Pernambuco, em 1637, quase não havia mais escravos em Pernambuco, nem nas plantações, engenhos e povoações.

Então os holandeses começaram a trazer negros da África, com altos lucros. Por exemplo, um negro comprado por 30 florins em Luanda era vendido por 300 a 500 florins no Brasil.

Os holandeses e os senhores de engenho terminaram fazendo acordos, que interessavam ambas as partes.

Os holandeses trouxeram novas torturas aos escravos: a crucificação e morte lenta, a mutilação de narizes, cortar as mãos, quebrar os ossos.

Enquanto isso os palmarinos continuavam a aumentar o seu território, e a atacar as povoações do litoral. Havia também bandos de negros armados que andavam pelo litoral, e não tinham ligação com Palmares.

1644: o governador holandês Maurício de Nassau enviou uma primeira expedição contra Palmares. Pouco conseguiu.

1645: Neste ano Nassau organizou outra expedição contra Palmares, comandada por um especialista em guerra de emboscadas. Foi um fracasso total. A expedição nem conseguiu avistar o inimigo, encontrou apenas duas aldeias abandonadas.

Em 1645 estoura uma rebelião dos portugueses contra os holandeses. Novamente índios, comandados por Felipe Camarão, e negros, comandados por Henrique Dias, dão suas vidas na guerra, pelos portugueses.

A guerra foi longa. Durou 9 anos. Afinal, em 1654, os holandeses foram expulsos definitivamente de Pernambuco.

MAIS EXPEDIÇÕES CONTRA PALMARES

1654: nesse ano saiu uma expedição oficial contra Palmares, com mais ou menos 600 homens. Iam brancos, negros, índios, mamelucos. Muitos deles eram antigos combatentes nas tropas que lutaram contra os holandeses, e iam para Palmares acreditando nas promessas do governo de conseguir terra própria. Essa expedição trava dois combates com os

palmarinos, e incendia uma povoação. Os palmarinos se retiram para a mata, os expedicionários se perdem na floresta e voltam para casa.

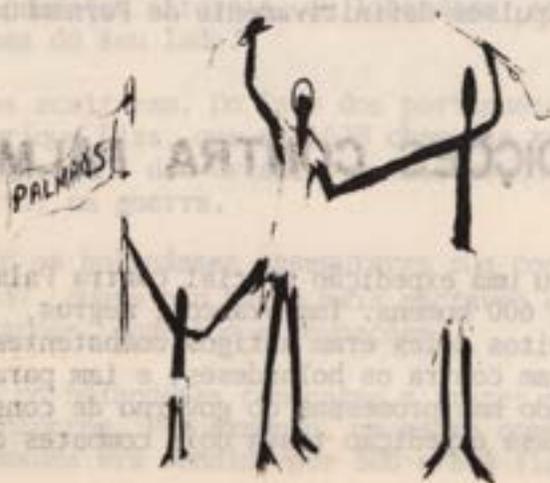
1655: Outra expedição parte. Fez alguns prisioneiros, que foram repartidos entre os soldados. Ainda em 1655 houve mais duas outras expedições, uma armada pelos senhores de engenho, outra pelo governador; ambas sem resultado.

1663: Sai uma expedição organizada pelo governador de Pernambuco. Onze colunas de combatentes subiram aos Palmares, em várias direções. Durou cinco meses, e foi derrotada pelos palmarinos em quase todos os encontros. Todos os negros capturados eram degolados.

Todos os governadores de Pernambuco organizavam expedições contra Palmares, e fracassavam.

TÁTICAS DE DEFESA DOS PALMARINOS

As táticas de defesa dos palmarinos eram muito eficientes. Para começar, eram defendidos pelas matas fechadas, pelas mon-



tanhas e despenhadeiros. Depois, não havia caminhos. O transporte era feito, pela expedição, nas costas dos escravos. Mais cedo ou mais tarde a expedição sempre era vencida pela fome, pelo cansaço, por doenças. Além disso, os palmarinos recebiam avisos de que seriam atacados. Costumavam então retirar a população para a mata, e atrair as tropas para emboscadas. Raramente aceitavam combate. No máximo, aceitavam encontros rápidos.

PALMARES CONTINUA CRESCENDO

Em 1664 houve uma calamidade em Pernambuco, que foi a peste da bexiga. Houve muitos mortos, e muita fome. Era também uma época de decadência da produção açucareira em Pernambuco. Muita gente fugia para Palmares.

Entre 1667 e 1670 aumentaram os ataques dos palmarinos para libertar escravos, conseguir armas e munições, e justificar feitos.

OUTRAS EXPEDIÇÕES

1672: o governador oferece novas vantagens aos voluntários para atacar Palmares. Muita gente aceitou, porque a vantagem que ele oferecia era não ser recrutado para ir combater em Angola, obrigatório para quem fosse julgado "vadio". Foram formadas três colunas, com mais de 600 voluntários.

Os palmarinos, sabendo dessa tática, organizaram também três colunas, sob comando geral de um jovem negro, chamado Zumbi, nascido em Palmares. A expedição foi um fracasso, embora tenha feito 60 prisioneiros.

A essas alturas, a guerra contra Palmares já era, para a Coroa portuguesa, uma missão da mais alta importância.

1674: o governador de Pernambuco começa a preparar uma grande expedição. Promete aos voluntários a propriedade dos negros presos; manda vir índios da Paraíba e do Rio Grande do Norte; convoca os negros organizados sob comando de

Henrique Dias, cuja tropa chamava-se "Terço dos Henriques" (Terço é mesma coisa que tropa). Mas a expedição novamente fracassa.

1675: o governo pernambucano pede ajuda aos paulistas.

QUEM ERAM OS PAULISTAS

Na região de São Paulo, desde o começo da colonização havia muita caça ao índio. São Vicente e Cananéia eram centros de venda de índios. Os vicentinos (isto é, moradores em São Vicente) percorriam todo o sertão de São Paulo, chegando até mesmo a capturar índios paraguaios, e trocá-los com os espanhóis, por ferro.

Os paulistas também eram chamados bandeirantes. Quando os índios se organizavam e se defendiam, como os carijó e tamoio, os paulistas ou bandeirantes diziam que eles eram ferozes, e que era preciso se "defender" dos índios. Os livros escolares mostram os bandeirantes como heróis. Na verdade, o que eles queriam era tomar as terras dos índios, matá-los ou escravizá-los, ou vendê-los e conseguir bons lucros.

Muitos bandeirantes eram filhos de branco com índia. Ao perseguir os índios, eles tentavam matar seu próprio lado índio, e ficar só com o lado branco. Eles queriam se embranquecer e negar sua própria origem.

A gente vê figuras que mostram os bandeirantes com grandes botas, e belas roupas. Mas na verdade eles usavam camisa e ce roulas, chapelão e barbas. Caminhavam descalços. Tinham casacos de algodão bem grossos, para defesa contra as flechas dos índios. Iam com muitas armas.

Houve muitos conflitos entre bandeirantes e jesuítas, por que estes eram contra a caça ao índio, e criavam missões e reduções, isto é, tipos de comunidades com os índios. Mas os

bandeirantes invadiam e queimavam essas missões. A nossa história está cheia de casos desse tipo de massacre.

O que você já ouviu falar sobre os bandeirantes?

1675: Quando o governador de Pernambuco convidou os paulistas para atacar Palmares, em 1675, eles não aceitaram. Estavam acostumados a caçar índios, que se expunham aos ataques, mesmo com inferioridade de armas, e morriam assim aos milhares. Já os negros eram tão hábeis na guerra que haviam derrotado grandes militares de Pernambuco. Os negros tinham táticas de recuo, de emboscada, de fortificação, e muitas armas.

Assim, o governador organiza outras expedições com gente da região. Sai uma em agosto de 1675, outra em fins do mesmo ano. Essa segunda expedição permanece na região até maio do ano seguinte, quando então se retira. Em junho, os palmarinos partiram para um ataque em massa aos engenhos.

Aliás, sempre que havia uma expedição, depois Palmares partia para uma reação violenta, em massa.

SITUAÇÃO POLÍTICA EM PALMARES

Há documentos dessa época dizendo que Palmares era nessa altura um verdadeiro Estado Negro, com um governo central. No começo, cada povoação palmarina tinha autonomia. Agora, todas elas estavam ligadas por um governo central. Havia um grande chefe, eleito. O chefe atual era Ganga-Zumba.

Esse chefe tinha poucos poderes absolutos. Parece que o Estado Central surgiu para juntar forças contra o inimigo, e pela necessidade de acomodar grupos de diferentes tribos. Por isso, não é possível comparar Palmares a um determinado reino africano. Havia muita coisa de África, mas era uma sociedade nova, original, marcada pela luta contra a escravidão. Era uma república igualitária, fraternal e livre, mas que precisava de autoritarismo para defesa militar popular.

NOVA FASE DA GUERRA : A RENDIÇÃO DE GANGA ZUMBA

Os portugueses vacilavam entre guerrear ou negociar com Palmares, pois parecia impossível vencê-los pelas armas.

1676/77: partem novas expedições. Em uma delas, são capturados parentes de Ganga Zumba. Os portugueses propõem a seguinte negociação: garantia de terra, direitos e liberdade aos negros que se rendessem.

1978: no dia 18 de junho, entra em Recife uma embaixada de Palmares, com quinze pessoas, incluindo três filhos de Ganga Zumba, para fazer acordo.

O acordo feito com os portugueses foi assim:

1. liberdade para os nascidos em Palmares
2. terras para viverem e cultivarem
3. garantia de comércio e relações com os moradores vizinhos.

Era uma traição aceitar este acordo, pois ele dizia que os negros nascidos fora de Palmares voltariam à escravidão.

Mas Ganga Zumba aceitou o acordo. Houve muita luta dentro de Palmares. Uma pequena parte da população acompanhou Ganga Zumba.

Em novembro do mesmo ano, Ganga Zumba foi a Recife, confirmar pessoalmente o acordo. Foi recebido solenemente pelo governador. Pouco depois, partiu para Cucaú, distante 32 quilômetros de Serinhaém, onde viveriam nas novas terras prometidas pelo acordo.

Enquanto isso, o governador distribuiu 150 léguas de terras palmarinas a grandes proprietários pernambucanos. Como sempre, os livres pobres, que esperavam terras como recompensa, nada receberam.

Mas nem os "premiados" conseguiram tomar posse de "suas" terras. Quando tentaram nelas entrar, foram violentamente repelidos pelos palmarinos.

Palmares não havia morrido. Foi apenas uma pequena parte que acompanhou Ganga Zumba. A maioria ficou, agora sob comando de um general que lutaria até a morte pela liberdade dos negros: Zumbi.

SOB COMANDO DE ZUMBI

Zumbi nasceu em Palmares, em 1655. Foi feito prisioneiro ainda recém-nascido, e entregue a um padre. O padre o fez cozinheiro; ensinou-lhe latim e português. Aos quinze anos, Zumbi fugiu para Palmares. Mas voltou algumas vezes a Porto Calvo, onde morava o padre, para visitá-lo.

Muito jovem ainda, Zumbi já era chefe de uma das povoações. Na época do acordo feito com Ganga Zumba, em 1678, Zumbi era também chefe das forças armadas de Palmares.

Para Zumbi, o mais importante não era viver livre, mas libertar todos os negros ainda escravos. O padre que o criou dizia que ele demonstrava habilidade "jamais imaginável na raça negra e que bem poucas vezes encontrei em brancos", por sua inteligência. Era muito corajoso. Os portugueses dele diziam: "negro de singular valor, grande ânimo e constância rara". Quer dizer, apesar do racismo, os brancos admiravam Zumbi.

No entanto, a classe dominante procurou ocultar a sua grandeza. Hoje, o nome "Zumbi" é visto como nome de assombração, saci, ou diabo. Isso porque Zumbi assumiu a luta de seu povo. E os bandeirantes, que na verdade foram uns selvagens, são vistos como heróis.

Muitos chefes militares importantes desertaram junto com Ganga Zumba. Era um grande perigo para os que ficavam, pois os portugueses poderiam ter informações completas sobre a organização de Palmares.

Então Zumbi reorganiza toda a vida de Palmares, em função da guerra, que mais cedo ou mais tarde certamente viria.

O que você já ouviu falar sobre Zumbi?

EM CUCAÚ

Os portugueses não cumpriram o acordo que fizeram com Ganga Zumba. Havia tropas de índios e mamelucos ao redor dos negros em Cucaú, e às vezes invadiam a área e capturavam negros. Também não havia liberdade de comércio com a vizinhança, e além disso as roças dos negros eram destruídas.

Muitos negros voltam para Palmares. Outros passam informações e armas aos palmarinos. Ganga Zumba teme ser morto, e fala para os portugueses sobre seus temores.

Realmente havia uma conspiração. Os negros planejavam voltar a Palmares, levando muitos escravos da região, armas e munição. Foram descobertos, e então precipitaram seu plano. Envenenaram Ganga Zumba e mataram seus homens de confiança.

Escapou Gana-Zona, irmão de Ganga-Zumba, que organizou a resistência, junto com os portugueses. Houve grande luta interna. Os portugueses derrotaram os rebeldes, apoiando Gana-Zona. Os chefes da conspiração - João Mulato, Canhongo, Amaro, Gaspar foram degolados. Os outros foram divididos entre grandes proprietários da região.

Assim, acabou-se a ilusão da possibilidade de fazer acordo com os portugueses.

NOVAS EXPEDIÇÕES E TENTATIVAS DE ACORDO

Acontecem muitas expedições contra Palmares, organizadas por senhores "premiados" com terras palmarinas, na ocasião do acordo com Ganga Zumba.

O governador, e até o próprio rei de Portugal, mandam mensagens a Zumbi, oferecendo perdão e liberdade, terra para si e sua família, se ele depusesse armas. Zumbi jamais aceitou qualquer acordo.

Nessa época, em outros países onde havia escravos negros, estavam ocorrendo grandes insurreições: na Jamaica, a Inglaterra sofreu grande derrota. No Haiti, os negros conseguiram várias vitórias contra os dominadores franceses. Jamaica e Haiti ficam na América Central.

Aqui no Brasil, Palmares era ponto de especial preocupação para Portugal, que tinha perdido todas suas colônias na África e na Índia. Só sobrou o Brasil. Bahia e Rio produziam bastante açúcar, mas Pernambuco não.

O novo governador de Pernambuco realiza várias expedições contra Palmares.

1687: uma escrava negra delata uma conspiração que já durava meses, para levantar a massa escrava de toda a região. Os líderes foram presos e mortos.

Nessa época o governador novamente procura os paulistas. E desta vez eles aceitam, e foi contratado um dos chefes dos bandeirantes, Domingos Jorge Velho.

Domingos Jorge Velho era quase um animal. Dele falou o bispo de Pernambuco: "Trata-se de um dos maiores selvagens que já conheci". Os portugueses diziam que os bandeirantes eram "piores que os negros de Palmares". Mas... tinham a grande vantagem de não ser rebeldes, e sempre defender os interesses dos ricos.

OS BANDEIRANTES CHEGAM A PALMARES

1692: Jorge Velho chega a Palmares, ataca, mas é combatido pelos palmarinos, que o obrigam a recuar. Cego de ódio, o bandeirante descarregou sua loucura degolando duzentos índios.

Ainda em 1692, o padre Antonio Vieira escreve ao rei de Portugal, dizendo que não havia nenhuma possibilidade de negociar com os quilombolas. Se continuassem livres em Palmares, e em paz, seriam um exemplo aos escravos. O único jeito era destruir totalmente Palmares.

1693: houve uma grande fome em Pernambuco. O bode expiatório de todos os problemas passa a ser Palmares. Todos, ricos e pobres, acham que destruindo Palmares acabariam os problemas que tinham.

1694: o governo anuncia que os voluntários para guerrear contra Palmares receberiam comida. Os padres, na missa, pregam o dever de todos de participar da "cruzada contra Palmares". E a tropa que se formou, em 1694, tinha nove mil homens.

O GRANDE COMBATE

Chegando a Macaco, a tropa tem uma grande surpresa. A povoação estava incrivelmente defendida. Por dois dias, o exército fica sem saber o que fazer. Tenta dois ataques, fracassados, e encomenda novos reforços.

3/fevereiro/1694: chegam os reforços, trazendo também canhões, que eram um tipo novo de arma. Houve uma grande batalha, e Macaco foi incendiada. Os palmarinos lutavam bravamente. Os sobreviventes entraram na mata.

Domingos Jorge Velho fica em Palmares, e aproveita para saquear as fazendas locais.

1695: na mata, Zumbi tenta reorganizar o exército. Foi visto em Penedo, chefiando um grupo, buscando armas e munição.

ZUMBI É TRAÍDO

Havia vários grupos de negros armados, no mato. Um deles era chefiado por Antonio Soares, que foi capturado pelo paulista André Furtado de Mendonça. Foi torturado e delatou o esconderijo de Zumbi, em troca de liberdade e vida.

Há muitas lendas sobre a morte de Zumbi. A versão mais provável é contada pelo historiador Décio Freitas:

-Antonio Soares chega ao esconderijo, na mata. Zumbi o recebe de braços abertos, mas é retribuído com um punhal na barriga. Os paulistas atacam, e os negros não se rendem, preferindo morrer.

Assim, em 20 de novembro de 1695 morre Zumbi. Sua cabeça foi cortada e exposta em praça pública, em Recife.

DEPOIS DE ZUMBI

Vários palmarinos foram para a Paraíba, onde, com outros negros e índios, fundaram o quilombo Cumbe, que era muito combativo, e sobreviveu até 1731.

Outros grupos negros permaneceram no litoral, chefiados por Camoanga, atacando povoações para sobreviver.

As terras de Palmares foram divididas entre senhores de engenho. Mas até 1710, grupos armados negros combatiam na região.

As terras ficaram abandonadas, transformadas em grandes latifúndios. Muitos perseguidos e lavradores sem terras buscam refúgio nas matas de Palmares.

CONCLUSÃO

No mesmo ano em que Macaco foi destruída, em Minas Gerais foram descobertas jazidas de ouro e diamante. Serão eles, agora, a base da produção econômica brasileira, extraídos das minas com trabalho escravo.

Muitos escravos de Pernambuco e outras regiões são levados para lá. Viriam, mais tarde, novas revoltas negras.

Companheiro, o que quisemos mostrar neste caderno é um pouquinho da história do negro no Brasil. A gente sabe que para nossa luta, hoje, é muito importante conhecer nossa história, e saber como foi que começou a exploração da classe trabalhadora no Brasil, isto é, com a exploração dos negros e dos índios. E conhecer também as lutas destes povos por sua libertação.

Ainda há muita coisa pra gente refletir sobre a história do negro: a vida no trabalho das minas, nas plantações de café; as lutas que vieram, e o que foi na realidade a Abolição pela Lei Áurea, em 1888; os negros depois da Abolição, etc.

São alguns desses pontos de nossa história que nós veremos no próximo caderno.

INDICAÇÃO DE LEITURA

1. Décio Freitas: "Palmares, a guerra dos Escravos", Edições Graal
2. Antonio Mendes Jr., Luiz Roncari e Ricardo Maranhão: "Brasil História - texto e consulta" volume I: Colônia, Editora Brasiliense
3. Julio José Chiavenato: "O negro no Brasil", Da Senzala à Guerra do Paraguai", Editora Brasiliense
4. Clóvis Moura: "Os Quilombos e a rebelião negra", Editora Brasiliense
5. Joel Rufino dos Santos: "O que é racismo", Editora Brasiliense.

ILUSTRAÇÃO: Wanderley Tadeu

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA FNT

Série Leis Trabalhistas.

- nº 1 - Consolidação das Leis do Trabalho
- nº 2 - O Contrato de Trabalho
- nº 3 - O Salário
- nº 4 - Hora Extra e horário noturno
- nº 5 - Advertência, suspensão e demissão
- nº 6 - As Férias
- nº 7 - O trabalho da mulher e do menor
- nº 8 - O FGTS e a estabilidade
- nº 9 - O Sindicato
- nº 10 - A Justiça do Trabalho
- nº 11 - Pis/pasep, 14º Salário

Série Debates.

- nº 1 - Custó de Vida
- nº 2 - A História do Voto no Brasil
- nº 3 - Eleições:- Voto de Trabalhador
- nº 4 - Favelas
- nº 5 - Partidos Políticos

Série Propostas de Luta.

- nº 1 - Liberdade Sindical
- nº 2 - Garantia de Emprego
- nº 3 - Política Salarial

Série Previdência Social.

- nº 1 - O Que é a Previdência Social
- nº 2 - Os Benefícios
- nº 3 - Acidente e Doença do Trabalho

Afro-Brazilians: Time for Recognition

It is 4 p.m. on a warm winter's afternoon in the centre of São Paulo. In a classroom on the fourteenth floor at 365 Rua São Bento, Alex Ratts, an Afro-Brazilian architect and doctoral candidate in Anthropology at the University of São Paulo, is speaking about architecture to a group of 21 students, 12 girls and 9 boys. All of them are Afro-Brazilians who come from poor neighborhoods around São Paulo. Mr Ratts speaks, the students raise their hands to ask questions, and a dialogue ensues. But this is no ordinary class. It is one of the many supplementary activities of Generation XXI (Geração XXI), which aim to prepare Afro-American youth for the next millennium.

This innovative *affirmative action* programme, brings together the four pillars of civil society: the local community, the public sector, a non-governmental organization and the private sector. These are the very institutions which can make a difference in people's lives. Generation XXI relies on the participation of teachers, families and schools from the community, the wisdom of the social movement through the NGO Geledés, the support of the national government represented by the Fundação Palmares, and the expertise and financial backing of the private firm, BankBoston.

This partnership, which has won a number of social service awards, also represents hope for the future. Of all the population groups in Brazil, Afro-Brazilian children need the most support. They are the children who suffer the most discrimination in school and in public places. Many Afro-Brazilian teenagers drop out of school and work to help support their families. They have the lowest rates of literacy and are most likely to end up unemployed or in low-paid jobs despite their capacity and individual motivation.

'In a country such as Brazil, selecting only 21 students was difficult', says director of the project, Maria Aparecida da Silva, from Geledés, but 'it will hopefully serve as a pilot programme for the future'.

The participants, who are between 13 and 15 years old and come from low-income families, were selected from all of the city with the help of teachers, and through a series of interviews. All of them have excellent academic records and demonstrated a strong desire to participate.

Generation XXI takes a holistic approach to each student's education, providing families with financial assistance so that their children will be able to dedicate themselves to their studies full time. But the difference is not only financial.

Paula Braz da Silva and Richele Manoel, both 14 years old, have already seen changes in their lives. Paula, who comes from the neighborhood of Campo Limpo, recognizes that she is fortunate to have been chosen for the programme and knows that because of it her dream of becoming a lawyer will be achievable. Richele, from the neighborhood of Belem, is just as confident. Her participation in the programme has already motivated her mother to complete her degree in nursing.

In a country which has historically denigrated the black experience, to hear Afro-Brazilian children speak about their dreams and aspirations attests to the power of such programmes. BankBoston has pledged support for nine years. Hopefully, other companies will follow suit.

Profile

One of the central challenges of pluralistic societies, and a dominant theme in the development of the modern nation-state is the issue of minority representation. In the second half of this century, three societies



Festa da Boa Morte/Festival of the Good Death – a traditional funeral ceremony dating from the days of slavery

have generated intense interest with regard to the position of their black people: the United States, South Africa and Brazil. Studies of these societies have enabled policy makers and human rights activists to compare how different nation-states represent the economic, political and cultural interests of their ethnic minorities. Since the end of the Second World War, significant changes have affected black people in all three countries. In the 1960s, civil rights activists in the United States helped break down segregation and paved the way for integration of Afro-Americans into US society. In the last decade of the twentieth century, South Africans have dismantled apartheid, and black people have gained considerable economic and political control in that country. Brazil has been affected by changes in both the United States and South Africa. Benefiting from global and national changes, in 1988 Brazil created an impressive Constitution which safeguards the civil and human rights of all its citizens, but still black Brazilians have gained little economic or political control in their communities. Only now, on the cusp of the celebration of the 500th anniversary of the arrival of the Portuguese to Brazil, are there signs of change.

In examining the historic and current position of Afro-Brazilians in Brazilian society, it is important to bear in mind the central paradox, that Africans were able to influence and shape Brazilian culture so profoundly yet still remain politically and economically disenfranchised after 500 years. Thinking about four questions sheds light on this paradox: (1) who are the Afro-Brazilians and how have they contributed to the continued development of Brazilian society?; (2) how have they been marginalized (and continue to be marginalized) from mainstream Brazilian society?; (3) what have Afro-Brazilians and their allies done to combat their disenfranchisement?; and (4) what prospects do Afro-Brazilians have for the future? In considering these questions, we are able to place the Afro-Brazilian struggle within the context of Brazilian national economic and political developments since 1500.

Brazil, the largest country in Latin America, is an immense territory of approximately 8.5 square kilometres, divided into 26 distinct states and a federal district. Brazil's economy, from the arrival of the Portuguese, depended first on indigenous slave labour, then on enslaved Africans uprooted from the coast of west and southwest Africa. The intermingling of indigenous people, Europeans and Africans engendered a social hierarchy in which skin pigmentation became an important factor. Thus this report begins with a discussion of race in Brazil and defines who Afro-Brazilians are, while explaining the contributions that they have made to Brazilian society throughout history.

Africans adapted themselves to Portuguese colonial society, but many also resisted, and that resistance continues to be a source of inspiration to modern activists who challenge official policies and the widespread belief that there are no racial problems in Brazil. Looking at the status of civil rights in six distinct historical epochs – (1) slavery (1822–88); (2) post-abolition (1888–1930); (3) Second Republic: the Vargas years (1930–44); (4) transitional democracy (1944–64); (5) military dictatorship (1964–79); (6) political opening (1979–85) – helps us to understand the social, political and cultural dynamics which shape civil and racial dis-



A beeper of the Movimento dos Sem Terra/Movement of the Landless

courses today. These six epochs forged distinct visions of the Brazilian reality and a distinct national discourse within which the rhetoric of civil rights and racial consciousness emerged.

In the absence of a democratic civil society (because of the monarchy, the Vargas dictatorship and the military dictatorship), official channels of discourse were often closed to Afro-Brazilians as well as to other sectors of civil society. Furthermore, precarious economic conditions have prevented access and continue to prevent access of more than three-quarters of the population to economic and cultural opportunities, and consequently the law. A series of factors, including ignorance of civil rights, lack of education, misinformation about the law and general disenfranchisement inherited from the patriarchal and racist colonial tradition, render politics and activities in the public domain off limits to most Brazilians, but particularly to Afro-Brazilians and the indigenous peoples.

The political opening of the early 1980s has allowed activists and researchers to intensify their work. The majority of Afro-Brazilians are still economically marginalized and politically disenfranchised, however, and can be found at the bottom in relation to all social and economic indicators.

In the 1990 census report the Brazilian Institute for Geography and Statistics (IBGE) used five basic categories for colour or race: White, Black, Yellow, Indigenous and *Parda*. *Parda* translates literally as 'brown', but is, by and large, synonymous with *afro-mestiço*, although it may contain a percentage of *indio-mestiços* with no African roots. The racial breakdown of a total population of 146,815,796 inhabitants was as follows: 75,704,927 White; 7,335,136 Black; 62,316,064 *Parda*; 630,656 Yellow; 294,135 Indigenous; and 534,878 Not Declared. According to these statistics, Afro-Brazilians represent a total of 47 per cent of the population, although this group is not monolithic.

Pioneering researchers such as Florestan Fernandes and Octávio Ianni were instrumental in exposing Brazilian racial problems, and important works such as Anani Dzidzienyo's MRG report on Afro-Brazilians in 1979, provided much-needed information for Brazilians in the 1960s and 1970s respectively. Recent scholarship continues to keep a critical focus on Brazilian race relations. Nonetheless, the myth of racial democracy and the idea of 'whitening' remain strong, despite empirical data indicating that Afro-Brazilians are discriminated against in almost every sector of Brazilian society. Many

visitors to Brazil do not perceive these inequalities since in public spaces, people of different social classes and races intermingle with ease. Still, colonial stereotypes of black people continue to exist, and Brazilian society tends to dismiss many Afro-Brazilian success stories as exceptions. Stereotypes, in the long run, are used to encourage individuals to live down to pre-imposed static images of groups.

One of the few forums where African themes were treated nationally was Brazil's cinema. *Cinema novo*, a politically orientated cinema of the 1960s, provided some of the first images of Afro-Brazilian customs. Many of the images were stereotypical and/or one-dimensional, however. Afro-Brazilian women, for example, are often stereotyped as promiscuous or erotic, thus relegating many of them to certain professions, such as the *mulatas* of carnival and nightclubs the world over. Inter-racial sexual relations, which Brazilians often refer to as a measure of the country's social tolerance, often mask the power relations which keep Afro-Brazilians in inferior political, economic and social positions.

The percentage of Afro-Brazilians in the federal, state and local branches of government has been small traditionally, although this may be beginning to change. In 1987, Benedita da Silva from the state of Rio de Janeiro, became the first black woman ever to be elected to Congress, but she remains an anomaly. The municipal elections of the city of Salvador in the state of Bahia, long considered the centre of African culture in Brazil, provide several important insights into the role of race on the municipal level. Afro-Brazilian political candidates have made gains, but there is still a long way to go.

Statistics on literacy, education and employment do not give grounds for optimism. In 1988, the IBGE reported that, as a general rule black people earn less, live in poorer conditions and die earlier than white people. That remains true today. Afro-Brazilians have a 30 per cent higher infant mortality rate and are 50 per cent more likely to leave school without learning how to read. In the Northeast, the infant mortality for Afro-Brazilians is as high as 96.3 per 1,000 births, compared to 68 for white people.

Few Afro-Brazilians own land in the countryside. Agrarian reform remains a chronic problem today, but particularly in the North, the Northeast and the South of Brazil. Afro-Brazilians make up a substantial percentage of landless peasants, struggling for lands, although

this is not always framed within racial terms. A constitutional law brings some hope for some Afro-Brazilians, however. Residents of historic *quilombos*, the colonial escaped-slave communities, have begun to obtain titles to land which they have occupied for decades. The Fundação Palmares, the organ responsible for certifying the modern-day *quilombos*, facilitates the acquisition of titles, but its work is a long way from being completed.

In the cities, Afro-Brazilians encounter many challenges as well. In addition to low employment rates, relations with the police authorities continue to be problematic. A 1997 Inter-American Commission on Human Rights (IACHR) report recommended widespread reforms of the state police forces. Police officers were responsible for an average of 20 deaths a month in 1996 alone, and in poor Afro-Brazilian communities, police are reportedly responsible for one-third of the deaths. The police's tough rhetoric against crime, which is often supported by the elite and middle classes, means that suspects, innocent or guilty, often have no rights and are abused by officers. Because of stereotypes of Afro-Brazilians in general, and black men in particular, black men are more likely to be arrested as suspects for violent and non-violent crimes than any other population group. In the past seven years, the Public Prosecutor's Office in Belo Horizonte, Minas Gerais, has indicted more than 500 police officers for a number of abuses.

On the positive side, compared to many other nations, Brazil has an excellent record on agreeing to instruments that guarantee human rights within its territory, having signed most of the conventions and treaties in the United Nations (UN) and the Organization of American States (OAS), the two major international organizations of which it is a part. A vigilant and ever growing black movement is responsible for many of these changes. Civil rights activism has expanded and can be divided into three major areas: government entities and lobbies, national grassroots organizations, non-governmental organizations (NGOs) and independent social, political and cultural entities.

Outside government there are relatively few national organizations that are able to overcome the tremendous obstacles inhibiting grassroots resistance across state lines, although some, like the Conselho Nacional de Entidades Negras (National Council of Black Entities/Societies, or CONEN) have succeeded in bringing together groups from all over the country to discuss ways to pursue mutual support and to advance the black movement's agenda on a national scale. The group '500 Anos de Resistência Negra, Indígena e Popular' is an important national response to the national celebrations planned to commemorate the arrival of Cabral in Brazil 500 years ago, bringing together black, indigenous, popular and social justice groups. Musical groups such as Ilê Ayê and Olodum from the state of Bahia also constitute important entities which have politicized Brazilian popular culture on a scale often greater than local or state-based organizations, since their music reaches a wider audience. Thus the report also examines the role of music as a vehicle for consciousness and education.

Special attention is given to young people and education. Poverty, poor education and lack of role models all contribute to the many problems facing Afro-Brazilian children and adolescents. Over the past decade, various human rights organizations have protested against the torture, abuse and murder of children, particularly in



Abdias do Nascimento (second left) with Carlos Medeiros (far right) and visitors to the Secretariat of Human Rights, Rio.

urban areas. According to the Public Ministry, for example, between 1988 and 1991, 5,644 youngsters between the ages of 5 and 17 were victims of violent deaths. Of all the homicides of minors from 1988 to 1990, 82 per cent were black boys. New national curriculum programmes which teach tolerance and appreciation of diversity and new laws that protect human rights have already been established, but they need to be implemented with rigour.

Education of Brazilian youth is important for the construction of a better future, but education alone is not enough. A series of structural reforms are needed, this could give a role for activists and aid agencies both in and outside of Brazil.

Recommendations

1. The Brazilian government should address structural inequalities by prioritizing special measures to facilitate the full participation of minority and indigenous groups in all aspects of political, economic social and cultural life.
2. The Brazilian government should urgently enforce the provisions of the 1988 Constitution and the extensive complementary legislation for the protection of human rights.
3. The Brazilian government should address the fundamental human rights of its many hundreds of thousands of street children, the majority of whom are Afro-Brazilian.
4. The Brazilian government should ensure equality of access and greater equality of outcome in the education system through special provision in the form of scholarships and special education programmes.
5. The Brazilian government and media should prioritize the elimination of inaccurate and stereotypical coverage of Afro-Brazilians and their culture.
6. The Brazilian government should immediately implement the recommendations of the National Programme for Human Rights for the promotion of affirmative action initiatives.
7. Transnational corporations investing in Brazil should ensure that their activities promote wider opportunity and greater equality of outcomes; intergovernmental bodies such as the UN and the OAS should hold corporations accountable for the impact of their actions and international financial institutions should support projects based on genuine consultation and impacting favourably on Afro-Brazilians and other marginalized communities.
8. International NGOs should support Brazilian NGOs in consolidating strategies to raise and address issues of racism in international forums.

This Profile is a summary of the Minority Rights Group International Report

AFRO-BRAZILIANS: TIME FOR RECOGNITION

by Darién J Davis

Published December 1999, 40 pp., £5.95/\$10.95 + postage

ISBN 1 897 693 13 3

Additional copies of this Profile are available from MRG at 25p each or 10 for £2 from the address shown opposite.

Registered charity no. 282205. An international educational agency with consultative status with the United Nations (ECOSOC). A company limited by guarantee in the UK no. 1544957.

Printed in the UK on recycled paper.



Minority Rights Group International

MRG is an international research, education and information unit which aims to secure justice for minority and majority groups suffering discrimination and prejudice. We aim to educate and alert public opinion throughout the world, both through our publications and our work at the UN.

MRG is funded by contributions from individuals and organizations and through the sales of its Reports and other publications. It needs further financial support if it is to continue with its important work monitoring and informing on the human rights situation.

If you would like to support MRG's work please help us by:

- Sending donations – however small – to the address below;
- Subscribing to our unique series of Reports on minorities;
- Buying copies of Reports and telling others about them;
- Distributing copies of this Profile to concerned individuals and organizations.

For full details:

Minority Rights Group International
379 Brixton Road
London SW9 7DE
UK

Telephone: +44 (0) 20 7978 9498

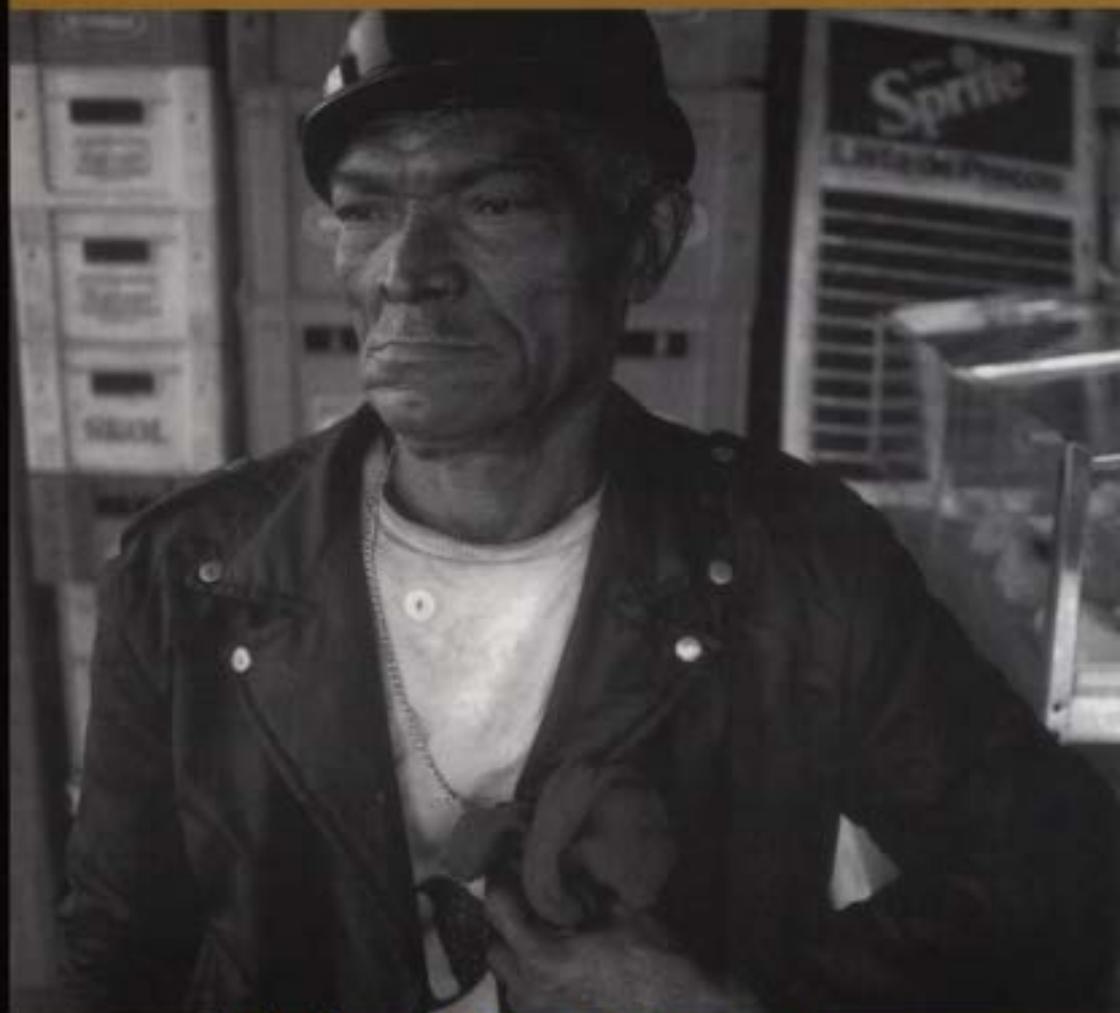
Fax: +44 (0) 20 7738 6265

E Mail:

minority.rights@mrghmail.org

Web site: www.minorityrights.org

**Minority Rights Group
International**



**Afro-Brazilians:
Time for Recognition**

visit www.minorityrights.org for our full online catalogue

from **Minority Rights Group International**

NEW

Afro-Brazilians: Time for Recognition

by **Darién J. Davis**

How is it that Afro-Brazilians have shaped so much of Brazilian culture, yet remain politically and economically disenfranchised? This is the central question posed by MRG's new Report, published to coincide with the 500th anniversary of the arrival of the Portuguese in Brazil. Many will not be joining in the celebrations but reflecting on the consequences of colonization for the land and peoples whom the Portuguese forced into bondage – in particular, the descendants of the millions of African slaves uprooted from the African continent and brought to work in one of the largest slave economies of human history.

The myth that Brazil is a 'racial democracy' remains a powerful one. It is a myth that this Report seeks to challenge. The Report describes how skin pigmentation is still used to delineate a social hierarchy in Brazil and how Afro-Brazilians – thought by many to form a numerical majority in Brazil – are discriminated against at every level of Brazilian life. Afro-Brazilians suffer from high infant mortality, landlessness, poor access to education, discrimination in employment and police violence.

The Report also gives a history of the evolution of civil rights in Brazil, discusses the contribution of Afro-Brazilians to Brazilian culture and describes the work of the many Afro-Brazilian organizations which are working to raise awareness and inform people of their rights. It forms a timely contribution to the debate as to how far Brazil needs to go to meet the needs and aspirations of all its citizens.

The author of *Afro-Brazilians: Time for Recognition* is **Darién J. Davis**, an academic and consultant who has published widely on Latin American history and culture and is currently director of Latin American Studies at Middlebury College, Vermont, USA.

Series: Minority Rights Group Reports, ISSN 0305 6252, ISBN 1 897693 13 3
Publication date: December 1999, A4, wirebound, 40pp,
£6.70 per copy inc. P&P (£6.95/US\$11.75 outside the UK/EIRE).

Photo: A worker takes a break. Marcelle Haddad

PLEASE SEND copies of *Afro Brazilians: Time for Recognition*

@ £6.70 per copy inc. P&P (£6.95/US\$11.75 outside the UK/EIRE)

Name (PLEASE PRINT)

Address

I enclose (encircle payment method applicable): **Cheque*** or **International Money Order** payable to Minority Rights Group

*Cheques must be in UK sterling or US dollars, and drawn on a UK account

Mastercard or **Visa** details (including card address if different from above)

expiry date:

to: Minority Rights Group, 379 Brixton Road, London, SW9 7DE, UK - or fax your order to +44 (0)20 7738 6265

Telephone / Email orders accepted: +44 (0)20 7978 9498 / minority.rights@mrngmail.org

I would like further information about Minority Rights Group publications

LULAXÉ

CONTRA O
RACISMO

MANIFESTO À POPULAÇÃO NEGRA

NÓS NEGROS E NEGRAS MILITANTES DO MOVIMENTO ANTI-RACISTA, DO MOVIMENTO SINDICAL E POPULAR E DOS PARTIDOS QUE APÓIAM A CANDIDATURA LULA, ESTAMOS NAS RUAS PARA MANIFESTAR NOSSA POSIÇÃO FRENTE À ELEIÇÃO DO PRÓXIMO DIA 17.

DE MODO ESPECIAL, QUEREMOS NOS DIRIGIR À POPULAÇÃO NEGRA, IMENSA MAIORIA DO POVO BRASILEIRO INTERESSADA EM MUDANÇAS, MUDANÇAS QUE ESTARÃO EM JOGO NESTA FASE FINAL DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL.

NINGUÉM MELHOR DO QUE NÓS NEGROS, CONHECE O SIGNIFICADO DA PALAVRA OPRESSÃO E DA PALAVRA EXPLORAÇÃO. POUCOS COMO NÓS CONHECEM TÃO BEM E TÃO DE PERTO A MISÉRIA, A FOME, A FALTA DE OPORTUNIDADES ALÉM DO PRECONCEITO E DO DESPREZO COM OS QUAIS AS CLASSES DOMINANTES TRATAM A POPULAÇÃO BRASILEIRA AO LONGO DESTES CINCO SÉCULOS. DESPREZO QUE VEM DE LONGE, DO TEMPO DA CASA GRANDE E DA SENZALA, QUANDO OS HOMENS ERAM VENDIDOS NAS PRAÇAS COMO SE FOSSEM MERCADORIA.

EM CERTA MEDIDA O BRASIL DE HOJE AINDA GUARDA MUITA SEMELHANÇA COM O BRASIL DE 100 ANOS ATRÁS. AINDA HOJE UMA MINORIA QUE MORA NAS "CASAS GRANDES" INSISTE EM MANTER O NOSSO POVO TRABALHANDO EM TROCA DE SALÁRIOS QUE MAL PAGAM A ALIMENTAÇÃO DO DIA-A-DIA. AINDA HOJE, UMA MINORIA INSISTE EM MANTER NOSSOS JOVENS SEM ACESSO À ESCOLA E SEM POSSIBILIDADES DE SE DESENVOLVEREM. AINDA HOJE UMA MINORIA TEIMA EM BENEFICIAR-SE DO PODER ENQUANTO MANTÉM NOSSO POVO EM CONDIÇÕES SUB-HUMANAS DE VIDA, EMPURRANDO PARA AS FAVELAS, SEM DIREITO À SAÚDE, À HABITAÇÕES DIGNAS E AINDA SUBMETIDO À VIOLÊNCIA POLICIAL QUE DIA-A-DIA ASSASSINA JOVENS E CRIANÇAS.

ENTRETANTO, A EXEMPLO DAS REBELIÕES DA SENZALA DO PASSADO, A POPULAÇÃO BRASILEIRA CONTINUA ACREDITANDO NUM MUNDO MELHOR E LUTANDO POR JUSTIÇA E LIBERDADE.

A ELEIÇÃO DO PRÓXIMO DIA 17 VAI COLOCAR FRENTE A FRENTE QUEM SEMPRE SE BENEFICIOU DO PODER EM PROVEITO PRÓPRIO E QUEM SEMPRE LUTOU POR UM MUNDO MELHOR PARA TODAS AS PESSOAS. ESSA É A DISPUTA: DE UM LADO OS HERDEIROS DA CASA GRANDE, REPRESENTADOS PELO CANDIDATO DA REDE GLOBO, DA REAÇÃO E DO MILITARISMO, INTERESSADOS EM MANTER TUDO COMO ESTÁ, ISTO É, A ESCRAVIDÃO DA MAIORIA DO POVO, NEGROS E BRANCOS, OPRIMIDOS PELA MISÉRIA, DE OUTRO LADO OS HERDEIROS DAS LUTAS DE ZUMBI DOS PALMARES INTERESSADOS EM FAZER VALER A VONTADE DO POVO E COMPROMETIDOS COM A CONSTRUÇÃO DE UM BRASIL MELHOR QUE POSSIBILITE A TODOS CONDIÇÕES DIGNAS DE TRABALHO E DE VIDA.

NESTA DISPUTA, A POPULAÇÃO NEGRA ORGANIZADA NO MOVIMENTO ANTI-RACISTA NÃO PODE FICAR DE FORA. CHEGOU A HORA DO POVO, A HORA DA VIRADA. CHEGOU A HORA DE DARMOS UM BASTA ÀS MENTIRAS, AO RACISMO, À EXPLORAÇÃO E AOS PRIVILÉGIOS DA CASA GRANDE.

DIA 17, VAMOS TODOS VOTAR EM LULA, CONTRA O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E PELA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE JUSTA, FRATERNA E LIVRE.

MOVIMENTO NEGRO PRÓ-LULA

COMITÉ PARA MATERIAL:

RUA FREDERICO ABRANCHES Nº 448 - METRÔ SANTA CECÍLIA - FONE: 220.1801

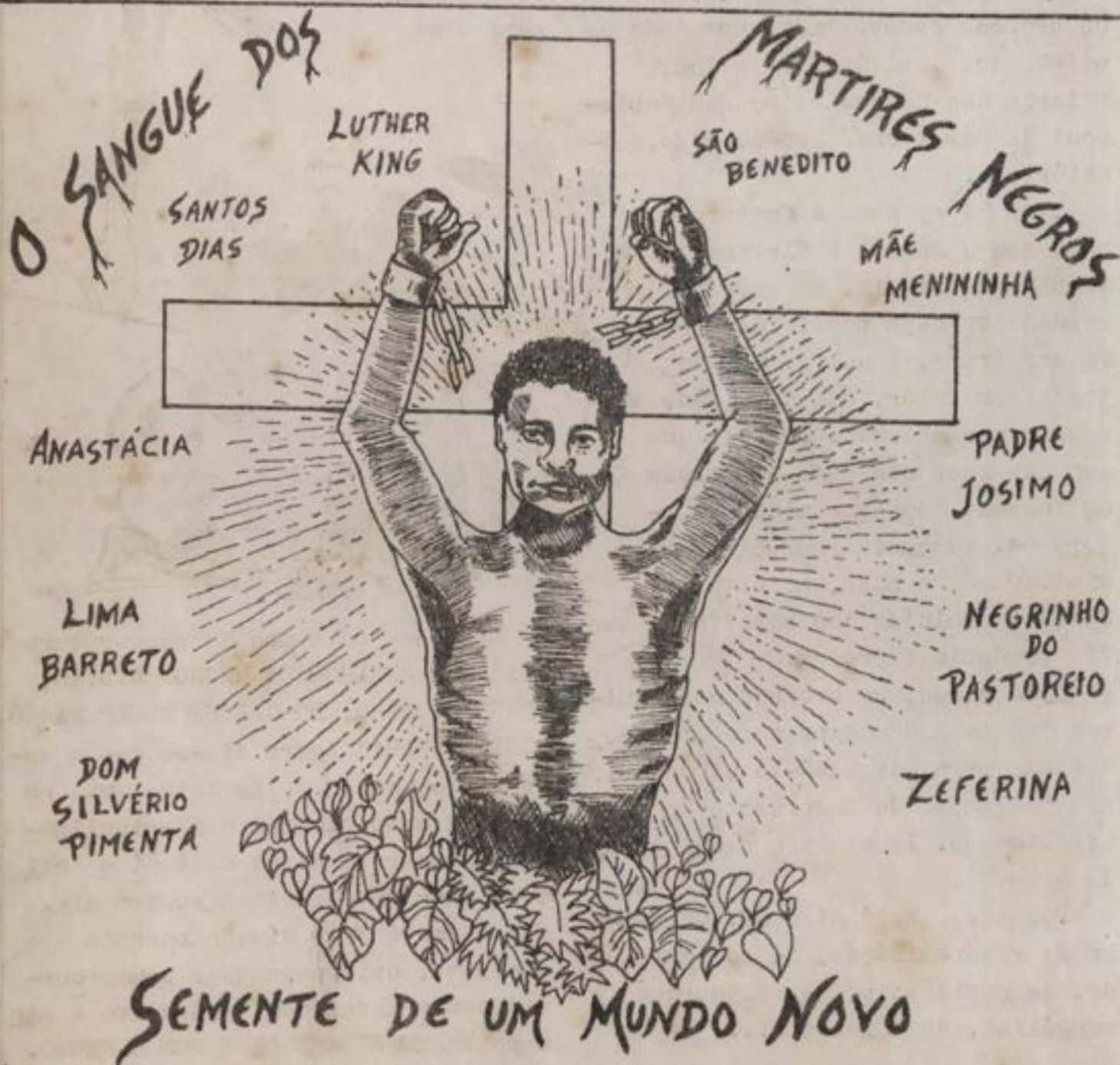


aneiro

BOLETIM INFORMATIVO - CPT NORTE I

Manaus-AM - ANO 10 - MARÇO - 1988

Nº 85 - CIRCULAÇÃO INTERNA



EDITORIAL

A FRATERNIDADE E O NEGRO

Já é a 25ª. Campanha da Fraternidade. Já temos uma história evangelizadora sobre uma convivência mais fraterna que Cristo e nós com Ele pregamos: "Vós todos sois irmãos!"

No entanto, muito longe estamos da realização séria desse projeto evangélico e humano. Vemos que persistem e aumentam "as montanhas de opulência" para uma minoria privilegiada, de um lado, e "os abismos da miséria" para a maioria excluída.

Nessas "montanhas" estarão muito pouquíssimos negros: serão 99,99 % os brancos nessas "montanhas" do capital, dos latifúndios; e longe a maioria dos negros estão nos "abismos" de sem-terra, sem-emprego, sem-salário...

A CF 88 promove a fraternidade para com o negro. E Ele não foi trazido ao Brasil, na base de verdadeira caça na África, para ser irmão, igual... mas "outro": sem valor, sem dignidade e para ser escravo. Foi ele que com seu suor não pago construiu os fundamentos econômicos da agora 8ª. potência econômica mundial. Ontem e hoje, no entanto, foi e é excluído dos benefícios que ele produziu e produz.

Além disso, os brancos construíram "montanhas" de preconceitos contra ele para mergulhá-lo ainda mais nos "abismos" do desprezo e da marginalização. Isso ontem e continuam do hoje.

Por isso, está aí a CF. Campanha de reconciliação, de solidariedade, de penitência, de restauração e evangélica, de conversão...

Não são negros os autores dos enormes escândalos e do show de corrupção a que assistimos neste País. Estes são brancos e de "colarinho" branco e sem cadeia para eles...

Mas, aí do negro quando este comete qualquer infração! A "justiça" cai pesada e cruel sobre ele e já! E diz-se que a lei é igual para todos!

Será que a CF consegue minorar a cruz que a "civilização branca" prepara para ele?



Dizia-se no tempo da escravatura oficial: "MELHOR UM NEGRO CRISTÃO, PORÉM ESCRAVO, DO QUE UM NEGRO PAGÃO PORÉM LIVRE!" Agora diz-se que a escravidão acabou... na lei... mas na prática continua com a marginalização do negro e ainda está aí o "chicote" dos preconceitos contra ele. Temos uma enorme dívida passada e presente, cujo pagamento somos convidados a fazer com verdadeira e sincera FRATERNIDADE PARA COM O NEGRO.

Gen. 9,18-27: MALDIÇÃO/CASTIGO PARA O NEGRO???

Donde provêm esses "montanhas" de preconceitos contra nossos irmãos-negros?

O uso de Gen 9,25-27, além de justificar indevidamente a escravidão, sobretudo dos negros, considerados descendentes de Cam, serviu para reforçar a mentalidade racista, a qual considera os brancos superiores aos negros.

A idéia de os negros serem descendentes de Cam, o maldito, perdurou até os inícios deste século.

No Concílio Vaticano I (1869 e 1870), no auge dos debates abolicionistas no Brasil, 68 bispos pediram que a Igreja retirasse de cima dos negros a maldição que sobre eles pesava. Dos 7 bispos brasileiros participantes desse Concílio apenas 2 assinaram esse pedido!

O Papa Pio IX enriqueceu com indulgências uma oração feita por um antigo missionário do Congo, na qual se rezava: "Nós choramos todos os pecados pelos quais Vossa Divina Majestade foi ofendida por esses povos e seus antepassados, desde o pecado do desgraçado Cam até nossos dias..."

Como se o pecado fosse das vítimas e não dos escravizadores!!!

Afirmava-se que que esta maldição incluiria a cor negra da raça.

A idéia da ligação entre maldição e cor negra provém das lendas rabínicas, segundo as quais Cam se teria tornado negro em consequência da maldição que Noé lhe lançou. A escravidão secular dos negros seria o sinal visível dessa maldição!

Outra lenda judaica explica o pecado de Cam como pecado de incontinência sexual na arca, durante o dilúvio. Todos, homens e animais, teriam observado essa continência, menos Cam, um cachorro e um corvo. Por isso os três receberam o seu castigo. O castigo de Cam foi que todos os seus descendentes teriam uma cor preta!

No entanto, grandes teólogos da época nunca relacionaram a cor negra com a maldição de Cam!

O Pe. Antônio Vieira, que em seus famosos sermões cita continuamente a Escritura Sagrada, jamais se refere

a uma suposta maldição de Cam, cuja consequência seria a escravidão dos africanos ou a sua cor preta. Ele chega a dizer que, quando os portugueses chegaram pela primeira vez à Etiópia, os negros se orgulhavam de sua cor, dizendo: "Tudo de melhor deu Deus aos europeus e a nós só a cor preta. Tanto estimem mais que a branca a sua cor."

Vieira continua: "Como nós pintamos aos Anjos brancos, e aos demônios negros, assim eles, por veneração, aos Anjos pintam negros e aos demônios, por injúria e aborrecimento, brancos!"

Numa poesia se diz, contestando a cor só branca dos símbolos litúrgicos e religiosos:

Até na religião
sou humilhado!
O que é de Deus
mostram branco
e o que é do
cão, negro!



"Pintor! Me diga, por favor por que seu pincel só pinta anjinhos branquinhos? Será que no céu não há também anjinhos negrinhos?"

Mesmo na tradicional "coroação" de Nossa Senhora, mulheres negras não serviam! Devem ser brancas as que têm essa honra! Será que não se lembram que a Virgem Aparecida é negra?

Também a veste branca do batismo reforça o branco como sinal de pureza!

Nesta CF, todos nós que estamos empenhados na luta contra o racismo deveremos fazer revisão fraterna da nossa linguagem e dos nossos símbolos litúrgicos e catequéticos, pois facilmente usamos a palavra negro (preto) como coisa ruim ou diabólica.

P Á S C O A :

Dom e conquista da Libertação!



QUINTA FEIRA SANTA:

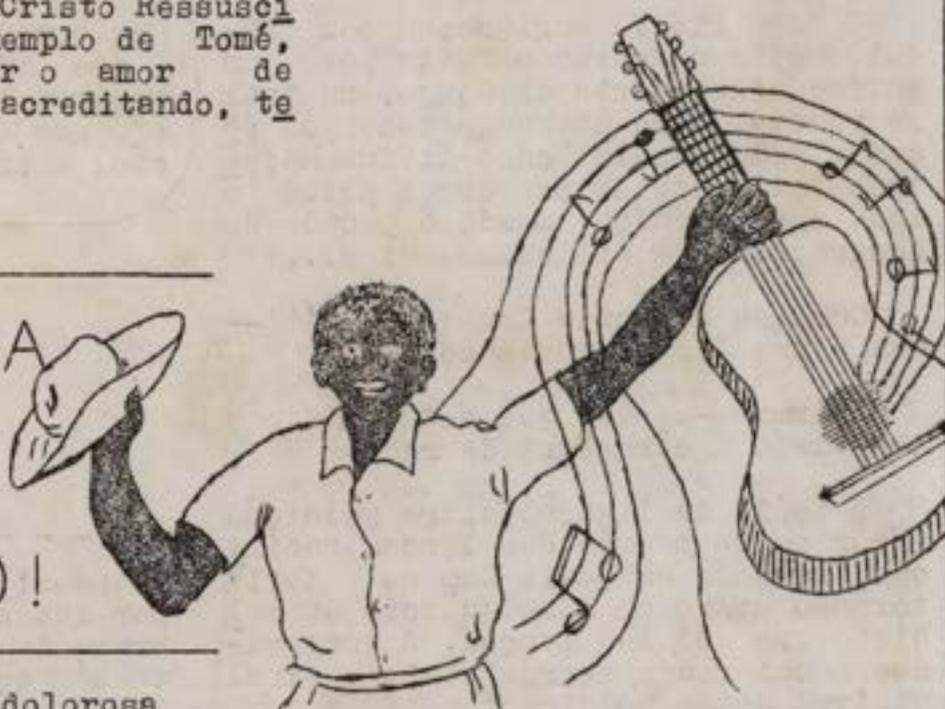
Levando todo preconceito e toda superioridade em relação ao IRMÃO NEGRO.

Pela caridade os cristãos se apresentam no mundo como chagas do Cristo Ressuscitado, onde o homem, a exemplo de Tomé, poderá perceber e apalpar o amor de Cristo e crer n'Ele; e, acreditando, teⁿha a vida eterna.



"Cristo nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres. Portanto, fiquem firmes e não se submetam de novo ao jugo da escravidão." (Gal 5,1)

FELIZ PÁSCOA
IRMÃO
NEGRO!



A negritude é uma utopia dolorosa e cheia de esperança, nascida do mal da escravidão e dos preconceitos anti-fraternos e grávida de um bem futuro:

"O QUILOMBO-PÁSCOA DA LIBERTAÇÃO!"

O negro é alegria quando manifesta sem receio seu espírito de festa!

O negro é força quando está unido ao seu povo para lutar pelos direitos de sua raça, com espírito de determinação.

O povo negro dança o sofrimento e reza a alegria. Um povo assim só pode ser um POVO DE DEUS!

Na medida em que a população negra significativa parcela do Povo de Deus no Brasil, se encontra para, à luz da fé, refletir os problemas que lhe são impostos e buscar luzes para superá-los, o Reino de Deus está também aí acontecendo.

"PANEIRO" deseja a todos os seus leitores

FELIZ PÁSCOA!



No dia 4 de março no Brasil todo os trabalhadores pararem para gritar: **BASTA SARNEY**, indicar à excreção popular os deputados constituintes que aderiram às manobras do Centrão e pedir **ELEIÇÕES DIRETAS JÁ**.

Fique bem claro para os trabalhadores que o "Centrão" nasceu para mudar o regimento interno da Constituinte; sobretudo para impor um novo "Projeto de Sociedade" na Constituinte. Fizeram tudo isso alegando que eles são maioria no Congresso.

Essa manobra gerou muita decepção no meio do povo e das organizações populares pois tolhia de vez qualquer participação da sociedade.

Por isso quem deu sua adesão ao Centrão: De Carli - Leopoldo Peres - Aureo Mello - José Dutra - Carrel Benvides - Ezio Ferreira - Eunice Michiles - Sadie Hauache -, mesmo se depois votou em algumas leis que favorecem os trabalhadores, é culpado diante dos trabalhadores por ter permitido esta manobra radicalmente anti-popular.

A manobra do Centrão deu origem a vários escândalos que chegaram às raias da desfaçatez com o princípio do "Olhando que se recebe". Houve muita denúncia de corrupção pelo voto dos cinco anos de mandato para o Presidente da República. Um dos líderes do Centrão chegou a afirmar que seria "morto" se dissesse tudo o que sabia.

A publicação em todo o país de cartazes com fotos dos membros do Centrão, provocou grande reação popular contra esse grupo conservador.

Os bispos da província da Paraíba declaram publicamente os nomes de Senadores e Deputados do Estado repudiando os que votaram a favor do Cen

trão, aplaudindo os que votaram a favor das conquistas populares e lamentando os que não votaram porque estavam ausentes.

O nosso país - é cansativo repeti-lo - está numa gravíssima crise: a crise da economia que está tornando insuportável a vida dos trabalhadores, da classe média e até dos pequenos empresários. A crise social, da qual os episódios como os assassinatos de líderes camponeses, as ocupações de terrenos urbanos por moradores em desespero, são alguns exemplos. A crise moral, marcada pela impunidade dos casos de corrupção que, com a liberalização do regime, puderam vir a público.

A crise política, com as interferências indevidas do presidente Sarney e dos ministros militares contra a soberania da Assembleia Nacional Constituinte, agrava as outras crises. A construção democrática está a exigir uma subordinação de todos - inclusive das Forças Armadas - à vontade nacional e popular.

A saída para tudo isso é dizer um **BASTA** a Sarney, à Nova República, às manobras do Centrão.

A pressão da opinião pública continua sendo a única arma eficaz de se dispõe para garantir avanços que poderão abrir caminho a um período estável de desenvolvimento econômico e social, em clima de democracia e respeito aos direitos humanos. Enfim, a mobilização do povo é a garantia de uma Constituição avançada em base popular.

XÔ SARNEY



BOLETIM DA CONSTITUINTE

O QUE FOI APROVADO ATÉ AGORA:

1º Do Salário mínimo se exigirá agora plenas condições de atender às necessidades de moradia, alimentação, vestuário, higiene, educação, lazer e saúde.	7º 13º salário para os aposentados.
2º A jornada de trabalho foi reduzida de 48 horas para 44.	8º Os turnos ininterruptos passam a ser no máximo de 6 horas.
3º Aumentou-se o prazo de licença para a gestante, de 90 para 120 dias, e deu-se uma folga de oito dias, também, para o marido, na época do nascimento do filho	9º Aprovada uma medida contra os marajás do funcionalismo. Pela lei, agora, nenhum funcionário poderá ganhar mais que o teto de sua categoria.
4º As horas extras serão pagas com bonificação mínima de 50%.	10º Foi aprovado o direito de greve para todas as categorias de trabalhadores, também para aqueles que trabalham nos serviços essenciais.
5º As ações trabalhistas que um empregado move contra um antigo empregador só vencem depois de cinco anos.	11º Aprovada a liberdade sindical. Porém não pode haver mais de um sindicato da mesma categoria por estado e município. Continua a cobrança do imposto sindical feita pelo Ministério do Trabalho.
6º Aumento de 33% no salário recebido para o gozo de férias.	12º Não foi aprovada a estabilidade no emprego. Em seu lugar foi aprovado o princípio de indenização para as demissões, proporcional ao tempo de casa.

EM TEMPO: AS ÚLTIMAS VOTAÇÕES INDICAM QUE:

- O "CENTRÃO" ESTÁ MESMO DESARTICULADO. - O NOVO GRUPO DOMINANTE É UMA ASSOCIAÇÃO DE CENTRO ESQUERDA, DECIDIDA A FABRICAR UM TEXTO CONSTITUCIONAL PROGRESSISTA-MODERADO.

OS GOVERNADORES E O MANDATO

Os governadores de Estado acompanham de perto a discussão em torno do mandato do Presidente José Sarney e começam a se posicionar mais claramente sobre os 4 ou 5 anos. Nessa hora, ninguém quer ficar de fora do debate e todos (ou quase todos) jogam suas cartas na mesa. Os que estão indefinidos querem, na verdade, ver até onde podem negociar o apoio, preferem desconhecer a opinião popular que é de ver um ponto final, JÁ, nesta tumultuada "transição". Veja o posicionamento dos governadores, divulgado no dia 12 de janeiro pela FOLHA DE SÃO PAULO:

CINCO ANOS:
Presidencialistas

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------|
| 1- Geraldo José de Melo, PMDB-RN | 5- Marcelo Miranda, PMDB-MS |
| 2- AMAZONINO MENDES, PMDB-AM | 6- Pedro Ivo, PMDB-SC |
| 3- Alberto Silva, PMDB-PI | 7- Epitácio Cafeteira, PMDB-MA |
| 4- Hélio Guereiro, PMDB-PA | |

(J.C. 21/02/1988)

OS DEPUTADOS AMAZONENSES NA CONSTITUINTE SÃO UNS GAZETEIROS.

Somente a DEPUTADA BETH AZIZE e o DEPUTADO BERNARDO CABRAL participam das reuniões com assiduidade, enquanto os outros pouco aparecem.

Conforme foi divulgado pelo jornal "A FOLHA DE SÃO PAULO" os senadores CARLOS ALBERTO DE CARLI, LEOPOLDO PERES e ÁUREO MELLO, e os deputados SADI HAUACHE, ÊZIO FERREIRA, CARREL BENEVIDES estão incluídos na lista dos grandes gazeteiros da Constituinte. Os deputados JOSÉ DUTRA, JOSÉ FERNANDES e EUNICE MICHILES estão incluídos entre os que têm frequência irregular.



CONCLUSÃO: ESTÃO GANHANDO DINHEIRO DO POVO SEM TRABALHAR.



ÁREA DE CONSTITUINTE E ÁREA DELEGADA EM FOLHA DE SÃO PAULO EM 1987 E CONTEÚDO DAS SEÇÕES DE AMPLITUDE

REGIÃO	ESTADOS	DELEGACIONES		ÁREAS COM DELEGADO DE FOLHA			FAMILIARES QUE DEPENDEM DAS ASSIGNAÇÕES PELO INSS
		Número Delegações	Área (ha)	Número Delegados	Área (ha)	Número de Famílias	
SUL	RIO GRANDE DO SUL	1	1.920	1	1.000	40	7.500
	SANTA CATARINA	7	4.288	2	1.620	155	5.800
	PARANÁ	11	3.905	10	4.955	215	16.700
	SÃO PAULO	7	3.811	3	3.015	180	22.900
	MATO GROSSO DO SUL	8	14.301	1	1.158	50	8.900
	SUB-TOTAL	34	39.305	16	11.958	640	61.800
LESTE	RIO DE JANEIRO	7	10.483	3	6.642	721	3.500
	ESPÍRITO SANTO	2	1.494	3	1.743	50	4.000
	MINAS GERAIS	6	34.868	2	4.438	104	29.600
	SANTA CATARINA	18	122.072	21	108.156	3.515	56.000
	SUB-TOTAL	33	168.917	31	122.979	4.420	93.100
CENTRO OESTE	GOIÁS	4	12.719	2	46.245	854	27.100
	MATO GROSSO	9	115.052	15	143.267	2.370	9.000
	RONDÔNIA	4	67.482	2	14.345	332	4.500
	ACRE	2	46.724	1	39.570	1.052	1.700
		SUB-TOTAL	19	241.977	29	243.427	4.608
NORDESTE	SERGIPE	3	7.011	2	2.510	149	2.500
	ALAGOAS	0	0	0	0	0	2.500
	PERNAMBUCO	6	1.813	7	2.363	268	6.900
	PARÁIBA	4	1.185	0	0	0	4.400
	RIO GRANDE DO NORTE	5	15.508	13	41.827	1.466	5.300
	CEARÁ	16	34.805	5	21.244	564	10.700
	SUB-TOTAL	34	60.322	31	68.044	2.467	32.100
NORTE	PÍSCATA	4	8.451	0	0	0	21.400
	PARANÁ	6	102.508	10	131.807	2.700	15.500
	PARÁ	15	263.971	6	52.938	1.203	16.100
	AMAPÁ	3	103.545	1	24.000	280	6.700
	AMAPÁ	0	0	0	0	0	1.000
	SUB-TOTAL	28	578.475	17	208.745	4.183	60.700
	TOTAL	148	986.306	115	655.202	14.358	286.600

* A ÁREA EM QUESTÃO É A ÁREA DO MUNICÍPIO DE "PRESIDENTE FIGUEIREDO".

FONTE: Dados organizados pela Secretaria Nacional do MST, a partir de informações do MIRAD.

NOTÍCIAS

Repórter



ANEIRO

- * Como você se chama?
Severino Loureço, casado 48 anos.
- * Onde nasceu?
Em Pernambuco e levei a vida migrando neste país e no país vizinho.
- * Qual a sua profissão?
Agricultor, mas já fui comerciante, operário e pequeno criador de gado.
- * Onde mora e há quanto tempo?
Em Novo Aripuanã a 5 anos no projeto de colonização, foi onde aprendi muitas coisas sobre a vida do agricultor e as diversas formas que ele é explorado.
- * Como você vê a situação do agricultor no Amazonas?
A melhor região para explorar o homem do campo, porque ele é analfabeto isto faz com que ele tenha medo do patrão e o comerciante, evitando que ele se organize no seu sindicato, gerando um ciclo vicioso que vai passando de pai para filho e netos.
- * Como você vê a política agrícola?
sentido na prática e na pele o governo não tem política agrícola. O que tem é exploração em cima do homem do campo pelo capital. Porque quem manda nos preços são os grandes quem tem terra é o latifundiário o trabalhador rural tem a força de trabalho.

* Como você vê a política partidária?

Primeiro a política parece mais um jogo de futebol, esquecendo que quem ganha ou perde o jogo não é o da camisa e sim os jogadores e só estão jogando pelo seu clube e não pela torcida que os garantiu no campo.

RECEBEMOS DE BERURI



O nosso movimento vem encontrando bastante dificuldade, os lagos são sempre invadidos pelos barcos pescadores, que pescam peixe pequeno e nos tempos de ova.

Um companheiro da comunidade foi falar com eles, e disseram que iam continuar pescando. Ele foi até a comunidade e nos avisou, reunimos e fomos até o lago, tomamos os peixes eles foram em hora, veio o prefeito pegou o peixe e distribuiu na comunidade.

O sindicato continua atrapalhado por parte do presidente que é bastante pelego. Nós começamos a conversar com o pessoal da comunidade, e estão começando a abrir os olhos.

Houve um fato importante em dezembro: a chegada do governador que veio distribuir alguns materiais. Mas antes os políticos daqui já tinham feito uma campanha de divulgação, deu um número grande de pessoas.

O Governador disse que todo dia 15 de cada mês envia o pagamento dos funcionários para não atrasar. Mas a coisa é diferente os professores estão sem receber há mais de quatro meses e agora até os vereadores estão sem pagamento.

11ª ASSEMBLÉIA DA



Acontecimento de 25 a 29 de janeiro de 1988. Participaram estas dioceses e prelaças: Itacoatiara, Borba, Parintins, Roraima, Alto Solimões e Coari. Assesores foram: Pedro Tierra e Cláudio Perani (padre).

A CPT é um serviço aos trabalhadores Rurais, os quais em seus trabalhos de classe sofrem problemas de todo tipo. E mais os sofrem aqueles que assumem uma militância dentro de sua classe. São questões sindicais.. E eles precisam de orientação para se moverem seguros nesses campos.

E a CPT presta esse serviço. A Assembléia foi um serviço desses. E é serviço PASTORAL. Assim tudo é visto e refletido à luz da Fé e da prática de Jesus.

Para a compreensão do quadro político atual, explicou-se que "saímos do regime militar e entramos numa NOVA REPÚBLICA VELHA cansada. A tal "trasição", ligada aos Banqueiros, Industriais, Comerciantes e Latifundiários é apenas uma restauração, garantida por esses mesmos que comandam a Constituinte (Centrao). E o povo está mais uma vez de fora...

Os latifundiários estão mais que organizados: U D R que já montou o seu próprio esquema:

- econômico: através de LEILÕES
- político: embora sem ser partido
- repressivo: assassinatos no campo.

Assim eles garantem seus "direitos".

E o povo trabalhador como fica?

Para ele conquistar o seu lugar e seus legítimos direitos, precisa se organizar numa verdadeira luta sindical, fortalecer partidos políticos populares, criar, apoiar e lutar nos movimentos populares diversos...

Para isso, precisa-se conhecer o que já está em andamento. Assim fez-se um estudo acurado sobre o movimento sindical com as suas tendências e realizações. Estudou-se bem a questão dos partidos políticos: sua história, suas metas, suas ideologias.

Na questão política discutiu-se mais a fundo a obrigação dos vereadores e prefeitos, com os quais os trabalhadores do interior mais lidam e mais problemas aparecem.

E A IGREJA NO MEIO DISSO TUDO?

Analisaram-se vários tipos de Igreja e vários movimentos. A paróquia tradicional, que não se envolve em tais problemas, ficando apenas no "religioso". As CEBs com maior abertura para os setores populares promovendo a união e interação da Fé e da Vida. A CPT que nasceu a partir do problema da Terra e é serviço aos trabalhadores, sem substituí-los. E movimentos que não entram mesmo na política: Apostolado da Oração, Legião de Maria, Cursilho, Carismáticos, Focolarinos, etc...: fogem de uma visão política de luta.





Como a CPT, as CEBs, a Igreja.. poderiam ajudar para apoiar os STR, a CUT o PT... para acompanhar animadores comprometidos e para formar politicamente os trabalhadores?

Eis algumas propostas:

Assistência jurídica, organizar grupos de base, promover encontros, criar espaços nas rádios, dinamizar CEBs, formar coordenações de CPT local, etc...



Tudo foi iluminado pelo Evangelho que apresenta Jesus com uma prática toda ela voltada para os pobres. Prática essa que o levou a conflitos sérios com os políticos (judeus e romanos).

Na Igreja há UMA só Fé: JESUS É O SENHOR, e, como caminho concreto de libertação e salvação tem que ter opção pelos pobres.

Quanto às propostas prioritárias foram pedidas na base dessas perguntas:

Como uma das conclusões da 11ª ASSEMBLÉIA DA CPT REGIONAL NORTE I, os participantes, assumiram a seguinte carta aos nossos Constituintes:

"Sr. CONSTITUINTE:

posição está manifestada nas emendas populares apresentadas ao Congresso. Nossa Com-

A postura contrária do Sr., no sentido de votar em emendas diferentes, é traição e desprezo

Saiba, no entanto, que nosso repúdio será conhecido por milhares de trabalhadores pelas denúncias que já estamos fazendo nas praças, escolas, sindicatos, lugares de trabalho em nossa cidade.

As eleições vêm aí.

O povo não se esquece."

CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA



100 ANOS
DE MENTIRA

- Pois é! A partir de 1500 o Brasil se tornou colônia de Portugal. E desde o início os colonizadores escravizaram os índios e trouxeram negros da África para trabalhos pesados na agricultura e no extrativismo. À Portugal interessava mais extrair o máximo de riquezas do Brasil pouco se importando em fazer investimentos na colônia. Por isso à medida que aumentava a exploração, ocorriam rebeliões em várias partes do Brasil na tentativa de ser independente de Portugal. Como resposta a estas rebeliões o império português proíbe a escravização de indígenas e obriga os colonizadores a comprarem negros da África. Portugal tinha depósito de mão-de-obra nas colônias conquistadas. Começa agora um negócio muito rentoso com o tráfico de escravos. As embarcações antes vazias ao virem para a América, passam a carregar em seus porões uma mercadoria especialmente valiosa constituída por africanos escravizados. A volta para a Europa não era problema, pois transportavam os produtos coloniais como madeira de lei, fumo, ouro, açúcar etc

A celebração do Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil e a Campanha da Fraternidade de 1988 cujo tema é "Fraternidade e o Negro" são uma ocasião propícia para desmistificar muita coisa que se disse e se escreve a respeito da escravidão e da solene promulgação da Lei Áurea

- A realidade está aí. O negro continua marginalizado e discriminado. Como trabalhador está presente em setores profissionais mais desqualificados e com remuneração inferior aos brancos. Nas cidades o negro ocupa os espaços mais segregados: periferias, cortiços, favelas, alagados. É difícil encontrar negros que estejam ocupando posições de destaque nos altos escalões do governo e na hierarquia militar. Mesmo dentro da Igreja continua, ainda, reduzido o número de religiosos, religiosas, sacerdotes, bispos de etnia negra.

- Mas, então, em que consistiu a libertação dos escravos? A proibição do tráfico de escravos foi um gesto de humanidade e reconhecimento dos crimes cometidos ou foram outras razões que levaram a tomar essa atitude? Com a Lei Áurea os escravos se tornaram livres dos fazendeiros e de todo tipo de opressão ou foram os fazendeiros que se viram livres de um mercado que estava causando sérios prejuízos?





- Por isso no século XVI o Brasil importou apenas 50.000 escravos, já no século XVII chegou a 560.000 escravos, e no século XVIII chegou a 1.891.000 escravos, caindo no século XIX para 1.145.000 por causa da proibição do tráfico negreiro.

- Os escravos vinham para o Brasil amontuados nos porões dos navios em péssimas condições. por causa da longa viagem chegavam ao Brasil debilitados fisicamente. Logo eram obrigados a trabalhos forçados, mal alimentados à custa de açoitamento. Viviam em condições subhumanas. Por isso morriam muito cedo. Outros não resistindo aos maus tratos fugiam para o interior das matas. Esta situação foi levando os fazendeiros de café e donos de engenhos de açúcar a terem seus lucros diminuídos. Cada escravo que morria ou fugia provocava grande perda de capital. E o Brasil não dispunha de criatório de escravos. Era preciso mudar a situação para manter-preservar a economia colonial. Vão se articulando novas relações de produção, principalmente na Europa. Pressionado pela Inglaterra o Brasil proíbe o tráfico negreiro em 1850. Essa medida transformou a importação de escravos em "contrabando" tornando assim o preço do escravos muito mais elevado e a utilização de mão-de-obra escrava anti-econômica.



- Finalmente dia 13 de maio de 1888, a Princesa IZABEL promulga a Lei Áurea libertando todos os escravos. Importante dizer que antes da abolição da escravatura foi criada a Lei da Terra de 1850 determinando que só podia ser dono de terra quem comprasse. Com isso se fechou a possibilidade aos negros e pobres de terem acesso à terra.

- Na verdade a Lei Áurea libertou os fazendeiros de prejuízos. Pois de agora em diante o escravo é livre e passa a vender sua força de trabalho. Se antes a terra era livre o trabalho tinha que ser cativo e se agora o trabalho é livre a terra tem que ser cativa. Continua portanto a escravidão embora de uma outra forma e em nome da liberdade, igualdade e fraternidade. E essa escravidão aí está. Milhões de brasileiros vivendo na miséria, enquanto uma minoria esbanja e vive no luxo.



- Concluindo podemos dizer que não houve libertação dos escravos. A exploração continuou e continua. SÃO 100 ANOS DE MENTIRA!



é a vez dos pescadores

OS RIBEIRINHOS TEM O DIREITO DE PROIBIR A PESCA EM CERTOS LAGOS E RIOS?
OS PESCADORES TEM O DIREITO DE PESCAR EM TODOS OS RIOS E LAGOS? EXISTE A
PROPRIEDADE PARTICULAR DE UMA ÁGUA?
ESSAS QUESTÕES VOLTAM SEMPRE QUANDO OCORREM CONFLITOS ENTRE PESCADORES E
RIBEIRINHOS.

VAMOS VER O QUE DIZ O CÓDIGO DAS ÁGUAS DE 1934. POR ESTE CÓDIGO AS ÁGUAS ESTÃO DIVIDIDAS EM

1º - ÁGUAS PÚBLICAS

a) De uso comum - As que todos podem usar.

Águas do mar, dos canais, dos rios, dos lagos, das lagoas. São navegáveis, ou flutuáveis. As fontes e reservatórios públicos. As cabeceiras dos rios.

O poder público pode interditar as águas de uso comum em caso de doença, ou de outros interesses, mas deve valer para todos.

b) Águas dominicais - São as águas reservadas. Aquelas que a UNIÃO, o Estado ou Município reservam para administrar. Estão sob jurisdição destes órgãos públicos.

Da UNIÃO são:

- Lagos e rios que estão na fronteira entre países ou entre estados brasileiros.
- Rios que vêm de outros países.
- Rios e lagos que percorrem mais de 1 estado.
- Rios e lagos que estão dentro da faixa de 150 Km da fronteira internacional.

2º - ÁGUAS COMUNS DE TODOS

Mais pessoas precisam dela. É uma água necessária para a sobrevivência, mesmo estando em propriedade particular. As pessoas devem ter uma passagem para poder ir até as águas.

3º - ÁGUAS PARTICULARES

As águas que se localizam dentro de uma propriedade particular.

4º - ÁGUAS COMUNS

Não são comuns de todos. São águas que percorrem várias propriedades. Elas são comuns às várias propriedades.



Com esse número do PANEIRO vamos iniciar a publicação de um resumo da história da sociedade. Vamos procurar entender como foi se dando a exploração, a dominação de alguns sobre os outros no correr dos tempos. Entender, também, as lutas de classe, vitórias e derrotas ao longo dos tempos.

Os primeiros grupos humanos de que temos notícia foram os bandos. Eram grupos de homens e mulheres que viviam da caça e da coleta de alimentos, estavam sempre se mudando de um lugar para o outro.

Viviam do que encontravam ao seu redor, fornecido pela natureza. Tudo o que era conseguido era repartido entre todos. Não havia desigualdades.

No entanto, o ser humano era dominado pelas forças da natureza, pelas chuvas, enchentes, feras selvagens. O homem, nessa época vivia em completa dependência da natureza.

A descoberta da ferramenta de trabalho foi o primeiro passo de se libertar dessa dependência.



Milhares de anos se passaram e o ser humano foi aprendendo a manejar melhor suas mãos. Aos poucos foi elaborado e descobrindo os instrumentos de trabalho. No começo essas ferramentas eram a pedra, o toco de lenha, um pedaço de osso. Mais tarde, a pedra foi transformada em faca, pá, lança, machado. O ser humano aprendeu a transformar a natureza em benefício próprio, até garantir alimentos para quando precisasse.

Com o tempo, alguns bandos cresceram, foram se fixando em uma certa área e se organizando em tribos. Com o desenvolvimento das ferramentas, aos poucos foram aprendendo a criar os animais e a plantar os alimentos necessários.

As tribos foram o primeiro tipo de sociedade organizada. O nome dessa sociedade é COMUNIDADE PRIMITIVA, porque tudo aquilo que era produzido pertencia a todos. Os bens eram propriedade comum de todos.

Havia sim uma divisão, mas era uma simples divisão de tarefas, motivada por diferenças de idade e, principalmente, de sexo. As mulheres cuidavam da ca-

ça, os homens, preparavam as ferramentas, bricavam objetos de cerâmica, etc. Os homens se dedicavam à caça, cuidavam dos rebanhos, lavravam a terra. Mas todos tinham a mesma importância na comunidade. A divisão de tarefas não causava desigualdades sociais entre os membros da tribo.

Todas as decisões eram tomadas em conjunto. O chefe da tribo era escolhido entre aqueles que tinham melhor capacidade de trabalho e de luta. Era respeitado pela sua coragem, experiência e dedicação. Tinha um papel de líder, de coordenador. Mas não explorava nem oprimia as outras pessoas de sua tribo.

Com o tempo, a descoberta de novas técnicas e de novos instrumentos de trabalho possibilitou um grande aumento da produção. Os homens passaram a produzir mais do que precisavam para viver, mais do que consumiam. Assim, começou a existir uma sobra, um excedente, que inicialmente era trocado entre as tribos.

Com o surgimento desse excedente, as tribos foram deixando de ser comunidades de iguais. Aos poucos passaram a ser sociedades onde já existia uma desigualdade. No princípio, já existia uma diferença natural entre as tribos mais fortes e as tribos mais fracas. Ocorriam guerras entre essas tribos e a partir de uma certa época os prisioneiros capturados foram sendo transformados em escravos.

O trabalho escravo aumentou ainda mais a produção de bens materiais. Cresceu mais a sobra, o excedente.

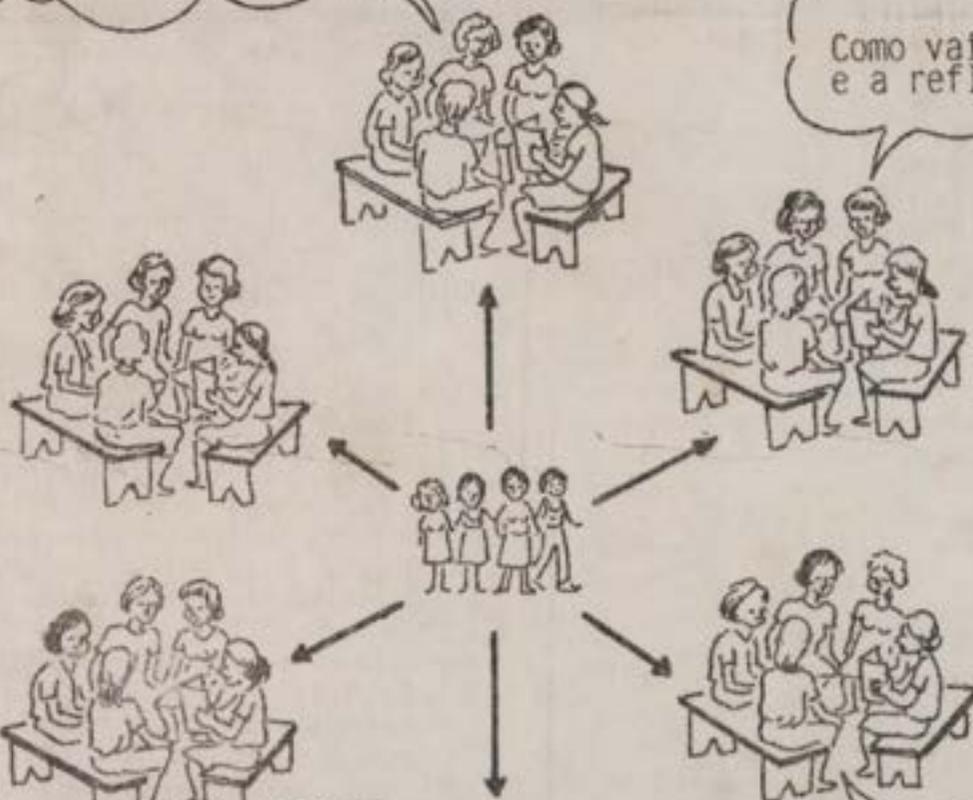
Surgiu também a propriedade privada da terra, que passou a ser cercada em pedaços. Nesses pedaços, a plantação pertencia aos proprietários. Neles eram recolhidos os animais, como propriedade particular. No tempo em que os homens eram apenas caçadores, não fazia sentido pensar na terra como propriedade privada.



MULHERES EM AÇÃO

Alô! Odete, Patrícia...
Alô! Grupo de Mulheres de Borba!

Como vai a organização
e a reflexão ???



As mulheres do sul escrevem:
"Mães Unidas - Voz da Libertação"
Segue uma assinatura. Bom proveito!

Os Grupos de mulheres de RORAIMA
realizarão seu ENCONTRO
nos dias 15, 16 e 17 de março
em São Luiz do Anauã.
Desejamos sucesso na
organização e união.
Esperamos que traga
novo ANIMO
e FORÇA na Libertação.

Logo mais
seguirão informações
a respeito
da Pastoral da Mulher.

ALÔ!
CRIANÇA DA HOJE
VAMOS CONTAR

A ESTÓRIA
DOS TRÊS GATINHOS
DA BEIRA DO RIO



Numa beira de rio vivia uma grande família de gatinhos. Todos os gatos eram irmãos. Todos os gatos eram iguais. Viviam todos juntos numa grande várzea. Era como uma grande maloca. Cada dia os gatinhos saíam para procurar comida.

Cada um trazia o que achava para repartir com todos. Um trazia frutas, outro trazia peixes, o outro insetos ou água.

Todos os gatinhos comiam juntos numa mesa muito grande.

Ninguém ficava com fome.

Depois de comer era a hora da brincadeira.

Todos brincavam, muito felizes e alegres.

Mas um dia, um gatão que era mais forte que os outros teve um pensamento mau.

Ele pensou:

- Agora não vou mais ser besta. Não vou mais trabalhar para repartir com todos. Agora eu quero é ser o rei dos gatos.

Então o gatão fez assim:

Todos os dias ele escondia atrás de uma árvore toda comida que encontrava.

Chegava a hora de comer ele dizia: - Hoje não achei comida. Estou com muita fome.

E os outros gatinhos repartiam a comida com ele.

O gatão era muito guloso e comia demais. Acabava com toda a comida da família. Não sobrava nada para os outros gatos guardarem.

Assim continuou. Todo dia o gato dizia: - Hoje não achei comida. E comia, comia da comida de todos. Até que um dia começou uma grande enchente. Os peixes fugiram para os lagos. As fruteiras foram para o fundo.

Os gatinhos saíam todo dia e não achavam nada para comer.

Só o gatão tinha um montão de comida escondido atrás da árvore em terra firme.

Quando os outros gatos estavam quase morrendo de fome, o gatão falou: - Eu tenho muita comida. Mas só vou dar a vocês se vocês jurarem que vão me obedecer e trabalhar para mim. Agora eu sou o rei.

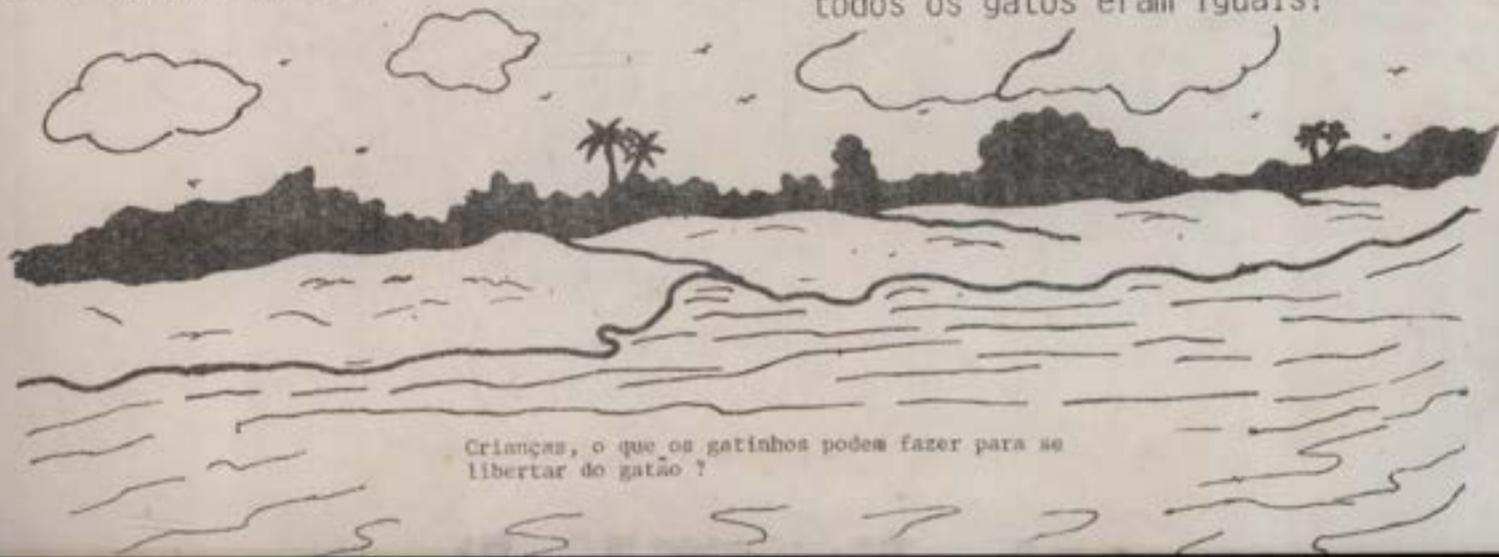
Para não morrer de fome, os gatinhos aceitaram e juraram obedecer ao rei.

O rei gatão escolheu os gatos mais fortes para ser polícia e obrigar os outros a trabalhar.

Toda comida melhor era para o rei e a polícia. Os outros gatos viviam fracos e trabalhavam feito cativos.

Quando acabou a enchente, a situação dos gatos ficou do mesmo jeito: o rei e a polícia só mandando e os gatinhos só trabalhando.

Todo o dia os gatinhos diziam: - Ai, que saudade do tempo em que todos os gatos eram iguais!





8 De Março Dia Internacional da "MULHER"



O dia 8 de Março ficou consagrado como o "Dia Internacional da Mulher" por relembrar uma greve realizada nessa data em Nova York, no ano de 1857 pela redução da jornada de trabalho para 8 horas e aumento de salários, quando se abateu uma dura repressão sobre o movimento grevista, resultando na morte de centenas de operárias têxteis.

Atualmente as mulheres constituem 34% da força de trabalho no país e continuam submetidas a um regime de discriminação salarial, pouco acesso à qualificação, muitas vezes são demitidas pelo fato de estarem grávidas e constantemente são vítimas de atitudes machistas e desrespeitosas por parte de chefias nos locais de trabalho.

A luta das mulheres trabalhadoras são as mesmas que as dos homens e suas reivindicações devem ser assumidas pelo conjunto do movimento sindical.

A participação das mulheres na Assembléia Nacional Constituinte é de extrema importância para garantir nossas reivindicações: queremos realmente uma Constituição que defenda os direitos das mulheres.

Por estar lutando e defendendo os direitos da mulher e, no geral, da classe trabalhadora, destacamos o trabalho da deputada BETH AZIZE.

O mesmo não podemos falar das deputadas Eunice Michiles e Sadie Hauache que envegonham seu mandato de representantes das mulheres amazonenses. Estas apoiaram as medidas conservadoras e anti-populares do grupo de "centrão" votando contra as reivindicações das trabalhadoras como: licença à maternidade de 120 dias, garantia de emprego, aposentadoria e outros.

A deputada Sadie Hauache votou contra os negros, mostrando assim que, além de estar contra os trabalhadores, é também racista.

Na madrugada do dia 04 de fevereiro, uma comitiva composta pelos companheiros: João Guimarães CUT-AM, Raimundo Nonato Sind. Trab. Vidros e Cristais, Lindemberg Rocha Sind. Trab. Metalúrgicos, Ricardo Moraes Sind. Trab. Metalúrgicos, Sebastião Assante Sind. dos Jornalistas, saiu de Manaus com destino a Brasília para participar do ATO PÚBLICO NACIONAL "ACORDA BRASIL".

O ato visava o repúdio e a denúncia dos membros do "CENTRÃO" e realizar um "ABRACO" simbólico ao Congresso Nacional para significar o cerco do povo aos Constituintes para exigir uma Carta Constitucional que responda aos anseios dos trabalhadores.

"Solo Urbano" faz 1º Encontro Estadual no dia 06 de março, reuniram-se no CENESC-
Manaus - a CONSUR com as entidades afins de apoio (CDDH, AJUP, PT, CPT e ANANPOS) para discutir "POLÍTICA URBANA", os participantes reafirmaram que a nossa luta é para que todos vivam dignamente e tenham os seus direitos básicos respeitados. O Encontro foi assessorado por DERMÍ AZEVEDO da "AGEN" e tivemos a presença de YOLANDA do ACRE coordenadora Regional da Articulação Nacional do Solo Urbano.

Nos dias 27 e 28 de fevereiro a CPT reuniu as entidades: PO, MORHAN, CDDH, CRB PV, PJ, para estudar a "Questão Política no Evangelho de São Marcos". O Encontro foi assessorado pela Ir. YEIA do CEBI de Belém. Estamos organizando um curso de Bíblia.

C. F. T. NORTH-I
Cx. P. 889-Posse: 253-0322
88.980 - MANAUS - AM



IMPRESSOS NORMAIS

BBC DE LONDRES

CARTA DO IVº ENCONTRO RAÍZES NEGRAS

Nós, participantes do IVº Encontro Raízes Negras realizado nos dias 18 a 21 de julho de 1991, na comunidade remanescente de quilombo Tapagem, no município de Oriximiná, no Estado do Pará, vimos denunciar:

- o não cumprimento por parte do Governo Federal do Artigo 68 das Disposições Transitorias da Constituição Federal, que garante às comunidades remanescentes de quilombos a propriedade de suas terras;
- a instalação do projeto de exploração de bauxita, Mina de Bauxita da Amazônia, das empresas ALCOA e BILLITON, na terra das comunidades remanescentes de quilombos do rio Trombetas, no município de Oriximiná, no Pará. Ao lado da expropriação da terra, este projeto trará profundas interferências no equilíbrio dos ecossistemas da região. Além do mais, no relatório de impacto ambiental (RIMA), a ALCOA e a BILLITON afirmam que a mineradora utilizará, no futuro, a energia da hidrelétrica de Cachoeira Porteira. Assim, fica claro que esta hidrelétrica tem como objetivo apenas atender os grandes projetos e não a população da região;
- a Secretaria de Saúde Pública do Estado do Pará que, irresponsavelmente, concedeu, em agosto de 1990, a licença ambiental prévia para o projeto Mina de Bauxita da Amazônia. Esta licença terá seu prazo expirado em agosto de 1991, quando nova licença deverá ser concedida. Desde 1990, a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná tem reivindicado junto à Secretaria que nenhum projeto seja instalado em sua região, antes que a situação de suas terras esteja devidamente regularizada como determina a Constituição Federal.

Diante deste fatos, os participantes do IVº Encontro Raízes Negras aprovaram as seguintes reivindicações:

- 1) a paralização imediata de quaisquer estudos ou atividades visando a instalação do projeto Mina de Bauxita da Amazônia e da Hidrelétrica de Cachoeira Porteira;
- 2) a não renovação da licença prévia ambiental ou concessão da licença de instalação;
- 3) a demarcação imediata das terras coletivas dos remanescentes de quilombos, sob o controle das comunidades e suas entidades.

Comunidade Tapagem, 21 de julho de 1991

- . Comunidade Tapagem
- . Comunidade Pacoval
- . Comunidade Matã
- . Comunidade Boa Vista do Trombetas
- . Comunidade Jamari
- . Comunidade Cachoeira Porteira
- . Comunidade Sacuri
- . Comunidade Batata
- . Comunidade Varre Vento
- . Comunidade Abuf
- . Comunidade Coração de Jesus
- . Comunidade Bacabal
- . Comunidade Espírito Santo
- . Comunidade Terra Preta
- . Comunidade Boa Vista do Cumina
- . Comunidade São Sebastião do Salgado
- . Comunidade Serrinha
- . Comunidade Juary
- . Comunidade Mãe Cué
- . Comunidade Moura
- . Comunidade Paraná do Abuf
- . Comunidade Jarauacá
- . Comunidade Campo Alegre
- . Comunidade Carimum
- . Comunidade Pancada
- . Comunidade Arancuã
- . Comunidade Samauma
- . Comunidade Santa Clara
- . Comunidade Flexal

- . Comunidade Rapa-pau
- . Comunidade Santa Terezinha
- . Comunidade Palhal
- . Comunidade Tarumã
- . Comunidade Arapemã
- . Comunidade Iripixi
- . Comunidade Cristo Rei
- . Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná/ARQMO
- . Associação Comunitária de Negros do Quilombo Pacoval/ACONQUIPA
- . Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Oriximiná
- . Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Óbidos
- . Comissão de Atingidos por Barragens do Trombetas/CABT
- . Central Única dos Trabalhadores do Baixo Amazonas/CUT-BAM
- . Comissão Pastoral de Direitos Humanos - Prelazia de Óbidos
- . Comissão Pastoral de Direitos Humanos - Núcleo de Oriximiná
- . Comissão Pastoral de Direitos Humanos - Núcleo Alenquer
- . Igreja Católica
- . Assembléia de Deus
- . Associação Comunitária dos Pequenos Agricultores do Município de Oriximiná/ACPAMO
- . Associação das Organizações das Mulheres Trabalhadoras do Baixo Amazonas/AOMT-BAM
- . Movimento de Consciência e Cultura Negra/Santarem
- . Serviço Inter-Franciscano de Justiça, Paz e Ecologia/SINFRAJUPE
- . Centro de Defesa do Negro do Pará/CEDENPA
- . Sociedade Paraense de Defesa dos Recursos Naturais/SOPREN
- . Grupo de Defesa da Amazônia/GDA
- . Núcleos de Estudos de Educação Indígena do Pará/NEEI-PA
- . Núcleo de Altos Estudos da Amazônia da Universidade Federal do Pará/NAEA-UFGPA
- . Projeto Vida de Negro/Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos
- . Central Única dos Trabalhadores do Amazonas/CUT-AM
- . Comissão Pró-Índio de São Paulo

- Presidente Fernando Collor de Mello
 DD. Presidente da República
 Palácio do Planalto
 70150 - Brasília - DF

- Exmo. Sr.
 Governador Jader Barbalho
 Governador do Estado do Pará
 Palácio Lauro Sodré
 Praça D. Pedro II, s/nº
 66000 - Belém - PA

- Exmo. Sr.
 José Lutzemberg
 Secretário Nacional do Meio Ambiente
 SAIN Av. L 4 Norte
 Ed. Sede IBAMA
 70800 - Brasília - DF

- Conselho Nacional do Meio Ambiente/CONAMA
 Av. W3 Norte Q. 510
 Ed. Cidade Cabo Frio
 70750 - Brasília - DF

"SOMOS TODOS ASSASSINOS", COMO?

No dia 20 de novembro a população negra brasileira comemorou os 289 anos da morte de Zumbi dos Palmares. Em São Paulo, a população negra, em ato unitário, reuniu-se em uma magra passeata iniciada no Largo do Arouche e levada até a Praça da Sé. Na praça lotada, várias entidades organizadoras discursaram conclamando a população à união:

- . "contra a discriminação racial
- . contra o desemprego
- . contra a violência policial
- . contra a prisão cautelar e a pena de morte
- . contra a discriminação da mulher negra
- . contra a violência ao menor abandonado
- . por melhores condições de vida (alimentação, escola, transporte, moradias decentes)
- . pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil
- . contra a apropriação, comercialização, distorção e folclorização da cultura negra."

As palavras-de-ordem levadas pelos manifestantes expressam o que eles condenam e implicitamente o que reivindicam. O impacto de tal trabalho sobre a população é proporcional à divulgação dada à manifestação cujo local e horário não foram incluídos dentro do programa do Projeto Zumbi - realizado com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado.

No dia 22 de dezembro sabe-se através da imprensa que no domingo, dia 18, Jesuino Paulo dos Santos (16 anos) e Carlos Roberto Muniz de Almeida Junior, (13 anos) (ambos negros) foram mortos a tiros por apanharem três melancias em um caminhão.

Qual a relação da violência policial com a morte dos dois meninos? Qual a relação da discriminação racial no mercado de trabalho com a morte dos dois meninos? Qual a relação entre a união e a solidariedade manifestadas pelas diversas organizações negras em 20 de novembro, com a morte dos dois meninos? O que há em comum entre as famílias de Jesuino e Juninho e as famílias (50 crianças) que ocuparam o prédio abandonado da Caixa Econômica Federal e que serão expulsas amanhã dia 23, com a ajuda da polícia?

A primeira relação é a que aponta Aloísio Biondi em seu excelente artigo: somos todos assassinos. Mas como? Mas por que? Em primeiro lugar por todas as omissões por ele apontadas. Brancos, Negros, Mestiços, Amarelos, somos todos assassinos por sermos todos omissos.

O que deixou Zumbi dos Palmares além de seu nome, que criou o desejo de ver tombada a Serra da Barriga pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional? O que, além da realidade de uma luta anti-escravagista - narrada pela televisão como tendo sido uma lenda? Zumbi nos deixou a certeza de que é possível romper com a opressão. A certeza de que não há conquista da liberdade sem rupturas necessárias. E como é que hoje, em 1984, nesse país altamente industrializado e rico que é o Brasil, poderão os miseráveis escravos, herdeiros da experiência e do sangue de Zumbi dos Palmares, abalar os engenhos atuais? Como? As respostas a essas perguntas poderiam ser o único conteúdo dos próximos Projeto Zumbi, do próximo FECONZU (Festival cultural Negro Zumbi), da próxima peregrinação dos intelectuais à Serra da Barriga. Poderia ser o objeto da reflexão nacional a partir daqui.

Na televisão, cada vez que o negro é usado (a exemplo de Mussum - que faz rir milhões de brasileiros de todas as cores), são milhões de brancos, amarelos, mestiços que estão se alimentando (não de ódio, mas de indiferença) por todo o negro que for matado, roubando melancias, matando a mulher, assaltando bancos e residências, etc. Ao mesmo tempo, cada branco ou amarelo está sendo compreendido, absolvido, obtendo a simpatia da população ao cometer os mesmos crimes, pois se sua imagem não pressupõe tais atos como comuns a esses cidadãos, eles o fariam sempre por razões aceitáveis pelo inconsciente coletivo. A televisão é um engenho a ser minado, esvaziado dos nossos olhares: a consciência das pessoas é um produto do meio (rádio, televisão, jornal, família, escola, rua, bairro, universidades, etc.).

* "Somos todos assassinos", artigo de Aloísio Biondi - edição de economia da Folha de São Paulo, na Folha de 22.11.84.

Quando nos jornais o criminoso negro tem seu nome acompanhado sistematicamente da cor da pele e de características morais negativas - o que não acontece comumente quando o criminoso é branco, - esta se criando junto aos leitores uma antipatia especial pelo criminoso negro, acirrando ânimos, alimentando o fascismo tropical. Também por isso é que somos todos assassinos.

Quando nos livros escolares a imagem física das crianças, dos adolescentes, da família negra está ausente (como na televisão), os responsáveis pelas escolas públicas (especialmente o Ministério da Educação e as Secretarias estaduais de educação), as instituições de ensino (privadas ou públicas, religiosas ou leigas), estão impondo a todas as crianças, a todos os adolescentes, a toda a sociedade, uma visão da família negra como desestruturada, sugerindo toda criança negra como tendo sido "abandonada", alimentando e praticando o fascismo. O fato de a maior parte dos menores abandonados serem negros jamais poderá justificar essa atitude.

Quando os professores brancos reunidos em conselho de classe se referem aos seus alunos negros como negrinhos ou negrinhas sentados nessa ou naquela carteira ou que fizeram isso ou aquilo, estão sendo irresponsáveis ante o desenvolvimento da personalidade dessas crianças (que dependem também das atitudes dos professores para com eles para não evadirem da escola). Irresponsáveis, porque essas crianças têm um nome que é o primeiro atributo da nossa identidade. Estão sendo assassinos e estão nutrindo o próprio fascismo. Sob o nazismo alemão, o único aspecto da identidade que o regime de Hitler deixou aos judeus foi o de ser judeu, isso justificava o forno crematório. A atitude desses professores tem o mesmo peso - socialmente e epistemologicamente falando - do dedo do "Careca" no gatilho que matou Jesuino e Juninho. São cooptações silenciosas.

Qual a distância entre o racismo brasileiro, e o nazismo ou o regime do apart-heid sul africano? A distância está marcada pelo estilo. O estilo do racismo brasileiro tende a eliminar a consciência de culpa e a alimentar inclusive o desejo da devoração do outro: veja a musiquinha do Chico: "... te arrematava em leilão, se eu fosse o seu patrão...".

"Movimento Negro é preciso" diz Hamilton Cardoso em sua comunicação para o III Congresso de cultura negra das Américas (boicotado pelo Itamarati). É preciso porque estamos sendo dizimados pelas diversas formas previstas pelos "liberais" Roquete-Pinto, Paulo Prado, Gilberto Freyre, por Fernando Azevedo, por Oliveira Vianna, etc. Mas estamos todos dentro do sistema e somos todos assassinos. Por isso nós negros - contribuindo para a continuidade da violência que denunciemos - fazemos mais questão de mostrar (a nós mesmos) nossas diferenças, esvaziando iniciativas de nossas próprias organizações, do que supera-las - por um dia que seja - por reconhecermos a necessidade de união e solidariedade.

Por que acabou Palmares? Porque nem todos os negros (escravos (de engenho, de casa-grande, artesãos), alforriados, livres (mestiços claros, mulatos escuros ou claros, de cabelos lisos ou crespos) vieram para o Quilombo.

Nós brasileiros - basicamente inconscientes da capacidade que temos de sermos sujeitos de nossa própria história, de nossa própria existência - não desenvolvemos o sentido de solidariedade do Quilombo. Descrentes do peso de nossa individualidade no contexto social, temos sempre explicações para nossa omissão: somos súditos e não sujeitos. Abdicar do personalismo - no caso dos vaidosos importantes - para ser um sujeito na multidão - é exemplo do militarismo de um Jean-Paul Sartre, de um Mahatma Gandhi - não faz muito sentido para o nosso intelectualismo subdesenvolvido, qualquer que seja a nossa raça. A não ser que a manifestação se inscreva em um fluxo de acontecimento amplamente divulgado, dando certeza de promoção individual.

Nós brasileiros negros, como os brancos, somos pouco capazes de apreender a necessidade da solidariedade nessa como em outras ocasiões: daí porque somos todos assassinos. A resposta à pergunta COMO, se inscreve na nossa diferença. Nós negros não temos poder político nem econômico, daí nossa pouca capacidade de pressionar os donos do poder na defesa de nossos interesses. Ficamos na impressão de que há uma certa solidariedade entre os brancos, face a questões como o racismo, por exemplo.

Que ressurja, em nós brasileiros de todas as raças, o sentimento de solidariedade que inspirou e manteve a República de Palmares.

São Paulo, 22 de novembro de 1984.

Maria de Lourdes Teodoro
poeta goiana, radicada em Brasília
Atualmente professora no IPEAFRO-
Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiro

QUEM É MANOEL CONGO? MARTIR?

Foi e é alguém cinco vezes anado por Deus:

- 1º) POR SER FILHO DE DEUS - como qualquer outro ser humano;
- 2º) POR TER SIDO INJUSTAMENTE EXPLORADO PELO SISTEMA? TIRANDO-LHE TODAS AS CONDIÇÕES DE REAGIR CONTRA - como acontece com quase todos os empobrecidos;
- 3º) POR SER NEGRO E SOFRER INJUSTAMENTE TODA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO - como a maioria dos negros;
- 4º) POR LUTAR POR JUSTIÇA COM SEU POVO NEGRO - como fazem todas as pessoas que se deixam envolver pelas forças do REINO DE DEUS;
- 5º) POR SER INJUSTAMENTE CONDENADO E ASSASSINADO - como aconteceu com JESUS CRISTO.

Por isto, nós povo negro em processo de conscientização o ressuscitamos em nossa memória e caminhada como pais um...

LIDER E MARTIR DO POVO NEGRO BRASILEIRO

Resumo de Sua Luta Libertária

- § Ainda criança foi vítima dos escravagistas que invadiram seu país, o Congo, no Continente Africano e além de muitas barbaridades aprisionaram-no;
- § Exilado e condenado a trabalhos forçados no Brasil, prega a seus companheiros o vigor da liberdade de DEUS - que este mesmo DEUS colocou no coração de todo ser humano;
- § Em 1838 liderou uma das várias fulgas do corajoso povo NEGRO para um dos espaços de liberdade indicados por DEUS, chamados de QUILOMBOS;
- § O poder econômico do fazendeiro conseguia a total adesão do poder policial, do poder imperial e do poder Judiciário e, unindo estes quatro poderes, massacraram o único poder que os quilombolas tinham em mãos: O PODER DA LIBERDADE;
- § O poder policial e o poder imperial (comandado por Duque de Caxias), fortemente armado cercou o quilombo de Santa Catarina (RJ). A batalha se travou e o poder de fogo dos opressores era extremamente maior. Foram todos presos e trazidos de volta para a escravidão;
- § Todos os líderes foram violentamente castigados, Manoel Congo (depois de um processo forjado e cheio de erros do poder Judiciário), foi enforcado no dia 6 de Setembro de 1839, tornando-se nais un mártir, seguindo o caminho de JESUS CRISTO.

DISCUTA COM SEUS AMIGOS:

- 1º) Vimos que o poder econômico, policial, judicial e governamental não reconheciam os direitos do povo negro. Qual a sua opinião sobre isto? Porque?
- 2º) E hoje, estes poderes reconhecem nossos direitos? Quantos juizes negros você conhece? O que fazer para mudar esta situação?

Elaboração: Agentes do Pastoral Negros - São João de Meriti (R.J)

++ 148 anos de INJUSTO ENFORCAMENTO DO LIDER NEGRO ++

MANOEL CONGO

FONTE: Vários autores; INSURREIÇÃO NEGRA E JUSTIÇA - Ed. EXPRESSÃO E CULTURA, 1987.

Contato:.....Igreja da Matriz de São João - aos sábados à tarde.

SITUAÇÃO DA COMUNIDADE NEGRA NO BRASIL

I) Introdução:

Nossos antepassados chegaram ao Brasil a partir do ano de 1540, trazidos à força, escravizados e sofrendo toda forma de violência e humilhação. A escravidão, aliada aos maus tratos, a tortura e a negação de sua dimensão humana, transformou a história do negro no Brasil no maior massacre que houve contra um povo em todos os tempos. Nem as barbaridades do "monstro" Hitler contra o povo judeu chegou próximo ao nível de opressão por que passou o povo negro.

II) SETE ATOS OFICIAIS QUE DECRETARAM A MARGINALIZAÇÃO DO POVO NEGRO DO BRASIL:

1º) Bula Papal de 1454

Através desta bula o Papa Nicolau V dá exclusividade aos portugueses para aprisionar negros para o Reino pois lá eles eram batizados. Segundo outro documento papal mais recente, Carta Encíclica "In Plurimis" de 5 de maio de 1838 assinada pelo Papa Leão XIII, a metade dos aprisionados eram barbaramente assassinados ao resistir à captura. Da viagem do navio negreiro, de cada 10 irmãos negros embarcados, 4 morriam ao longo da viagem pelos maus tratos e eram jogados no mar.

Os registros oficiais do Brasil (bastante omissos) dizem que entraram no Brasil um total de 3.532.300 escravos.

2º) Lei da Terra de 1850

Todo o território brasileiro estava povoado por quilombos. Os quilombos eram formados por negros que, através de diferentes formas, conquistavam a liberdade. Lá viviam uma alternativa de sociedade tendo-os tudo em comum. As grandes sobras de produção eram vendidas aos brancos nas vilas da redondeza. Os poderosos do sistema percebendo que os negros estavam se sucedendo bem, e que os brancos das vilas estavam sem mão de obra para o trabalho, sendo uma ameaça à estabilidade do sistema, decretam a Lei da Terra. A partir desta lei era proibido ocupar terras no Brasil. Para ter a terra teria que comprá-la do governo.

O "Glorioso" exército brasileiro teria como tarefa destruir os quilombos e levar os negros de volta às fazendas dos brancos. Décadas depois, estas mesmas terras negadas a trabalhadora população negra são dadas de graça aos imigrantes europeus, ou em troca de abertura de estradas. Contra os imigrantes europeus não aplicavam a lei da terra de 1850.

3º

1854
~~1824~~
DECRETO DE 1824 PROIBIU O NEGRO DE APRENDER A LER E A ESCRIVER

Os poderosos do Brasil sabiam que junto com acesso à terra, o acesso ao saber era a outra alavanca de promoção social, econômica e política de um povo. Com este decreto nº 1331, artigo 6º § 3º o grupo do poder encurralava a população negra nos porões da sociedade. As consequências deste decreto vem até nossos dias. Das 23 milhões de crianças sem acesso ao estudo no Brasil, 20 milhões são crianças negras.

4º) Guerra do Paraguai (1860-1875)

Foi um dos instrumentos usado pelo poder para reduzir a população negra no Brasil. Foi difundido que os negros que fossem lutar na guerra, ao retornar recebiam a liberdade e os já livres receberiam Terra. Além do mais chegava a convocação para o filho do fazendeiro, ele o escondia e no lugar do filho enviava cinco negros.

Antes da guerra, em 1860 a população negra do Brasil era de 2.500.000 pessoas (45% do total da população brasileira). Depois da guerra, em 1875, a população negra do Brasil se reduziu para 1.500.000 pessoas (15% do total da população brasileira).

No fim da guerra o Comandante Duque de Caxias escreve ao imperador comunicando-o que era grande o número de negros vivos. Dizia que o negro era muito ágil e desenvolvia grande habilidade no manejo das armas. Ele estava com medo de que, retornando com eles ao Brasil, poderiam tomar o poder, como fizeram no Haiti.

5º) LEI DO VENTRE LIVRE (1871)

Esta lei até hoje é ensinada nas escolas como uma lei boa: " toda criança que nascesse a partir daquela data nasceria livre". Na prática, esta lei separava as crianças de seus pais desestruturando a família negra. O governo abriu uma casa para acolher estas crianças. De cada 100 crianças que lá entravam, 80 morriam antes de completar um ano de idade. O objetivo desta lei foi tirar a obrigação dos senhores de fazendas de criar nossas crianças negras, pois, já com os 12 anos de idade as crianças saíam a procura da liberdade negada nas senzalas. Com esta lei surgiram os primeiros menores abandonados do Brasil.

6º) LEI DO SEXAGENÁRIO (1885)

Também é ensinada nas escolas como sendo um prêmio do coração bom do senhor para com o escravo que muito trabalhou.

Na verdade esta lei era a forma mais eficiente encontrada pelos opressores para jogar na rua os velhos doentes e impossibilitados de continuar gerando riquezas para os senhores de fazenda, surgindo assim os primeiros mendigos nas ruas do Brasil.

7º) DECRETO DAS IMIGRAÇÕES EUROPEIAS (1890)

Foi assinado em 28 de junho de 1890 e abria o território brasileiro aos imigrantes europeus.

A terra negada à comunidade negra foi dada de graça aos imigrantes europeus ou passada por um valor simbólico. Até hoje, se os descendentes dos imigrantes europeus podem custear estudos superiores para seus filhos, a fonte de renda é aquela Terra.

Neste período inicia-se a agressão ao Brasil do novo sistema político, o capitalismo. As primeiras indústrias se instalam e marginalizaram a mão de obra da comunidade negra dando preferência aos imigrantes. Os imigrantes que eram pobres passam a ser a mão de obra predileta e o povo negro é jogado nas favelas a catar papel e outros serviços desqualificados.

III) DESAFIOS COLOCADOS PELO SITUÇÃO DO NEGRO HOJE

a) A Nível Político:

Nenhum partido político assumiu a questão do negro como desafio nacional. Dos 559 constituintes que tiveram acesso ao Congresso Constituinte, apenas 7 são negros. Tanto na África do Sul (país declaradamente racista), como no Brasil não há nem 1 (um) negro participando do primeiro escalão do governo federal.

b) A Nível Econômico:

Os negros no Brasil recebem os menores salários para desenvolverem os mesmos trabalhos. Exemplo:

- Os pedreiros brancos ganham em média 65% a mais que os negros;
- Os engenheiros brancos ganham em média 115% a mais que os engenheiros negros.

c) A Nível Social:

Aproximadamente 90 em cada 100 pessoas negras moram nas periferias das cidades, nas favelas ou são são trabalhador rural sem terra.

d) A Nível Psicológico:

Aproximadamente 70 em cada 100 pessoas negras, a níveis diferentes, rejeitam a sua origem negra. Sua personalidade está seriamente afetada com este conflito de identidade imposto pelo sistema. Não conhecem quase nada da história de seu povo negro.

e) A Nível Jurídico:

Dos 995 assassinados em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, de Janeiro a maio de 1987, 720 são membros do povo negro. Quase todos os crimes estão registrados como sendo autores desconhecidos.

Assassina-se cinco vezes mais pessoas negras no Brasil. ^{em Nova Iguaçu} do que na África do Sul

f) A Nível Educacional:

De 23 milhões de crianças sem estudo, 20 milhões são crianças negras. De cada 100 negros, 42 ficam sem estudar e só 1 consegue furar o bloqueio e chegar nas universidades.

Há mais negros nas universidades racistas da África do Sul do que nas universidades ditas democráticas do Brasil.

g) Desafio a Nível Eclesial:

O Brasil tem 12.700 padres. Se a Igreja não tivesse práticas racistas deveria ter em seu seio uma proporção de padres negros de acordo com a proporção da população negra na sociedade, ou seja, 7 mil padres. No entanto só tem 200 padres negros. Dos 370 bispos, só 6 são de origem negra.

IV) COMISSÃO DOS PADRES, SEMINARISTA E RELIGIOSOS NEGROS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

Esta comissão funciona como porta voz dos religiosos, seminarista e padres que se reúnem em assembleia uma vez por ano. A atual equipe foi reafirmada na função e ampliada no número de seus membros, que são os seguintes:

Nome	Função	Local de Trabalho
José Luiz Reis Luiz	Seminarista	Volta Redonda, RJ
Jefferson Augusto Telles P. S.	Religioso	Nova Iguaçu, RJ
Frei David Raimundo Ofm	Sacerdote	B. Fluminense, RJ
Sebastião de Oliveira	Seminarista	B. Mansa e V.R, RJ
José Geraldo Rocha	Seminarista	S. J. Meriti, RJ
Irmã Silva Regina L. Silva	Religiosa	Nova Iguaçu, RJ
Pe Jurandir Azevedo Araujo	Sacerdote	C. Salesiano S.R
Fatima	Leiga	Cidade de Deus
Pe João Rocha	Sacerdote	Três Rios, R. J
Ir. Rita de Cássia Luciano	Religiosa	Nova Iguaçu, RJ
Frei Cesar Paulo C. Chaves	Religioso	R. Comprido, RJ
Ir. Edna Dispo dos Santos	Religiosa	Petropolis, RJ
Marilceide da Silva	Leiga	Três Rios, RJ
Daniel	Leigo	Xerem, RJ
Ir. Oneize M.P. de Oliveira	Religiosa	Santa Cruz, RJ

Praca Getúlio Vargas s/m
25.520 - São João de Meriti RJ

Frei David
Tel (021) 756-0804

12:30 hs - Almoço

14:00 hs - Dinâmica

14:00 hs -

🏠 **Mesa - ACESSO A CRÉDITO RURAL, USO DA TERRA E DESENVOLVIMENTO AUTO-SUSTENTÁVEL PARA ÁREAS DE QUILOMBOS:**

Banco do Brasil;
Banco do Nordeste;
Ministério do Desenvolvimento Agrário;
Banco Mundial / BIRD;
Dr. Luiz Fernando Linhares / SMDH – MA;

16:00 hs - lanche

16:30 hs

🏠 **Oficinas: Tema Geral - O que é Quilombo?**

Temas:
Saúde; Educação; Mulher Negra; Juventude Negra;
Cultura Negra; Organização Política dos Quilombos;
Estatuto das Associações Quilombolas, etc.

19:00 hs - Jantar

02/12 - Sábado

08:00 hs - Dinâmica

08:30 hs -

🏠 **Plenária Geral**

Apresentação dos Relatórios das Oficinas

10:15 hs - Lanche

10:30 hs -

🏠 **Plenária Geral**

Apresentação dos Relatórios das Oficinas

15:30 hs -

🏠 **Mesa - ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS QUILOMBOLAS**

Dr. Valdério Santos Silva - Movimento Negro Unificado;

17:30 hs - Lanche

17:45 hs -

🏠 **Aprovação das Propostas do II ENCNRQ**

Plenária Final e Encerramento do Encontro

19:30 hs - Jantar

03/12 - Domingo

07:00 hs - Café

08:30 hs - Passeio Turístico no Centro Histórico de Salvador;

12:30 hs - Almoço de Confraternização dos Quilombolas;

14:00 hs - Retorno dos participantes do II ENCNRQ, para seus estados de origens.

APOIO:

CESE CPT CRS EZE
FUNDAÇÃO FORD MISERIOR

COMISSÃO NACIONAL:

QUILOMBOS:

ACONERUQ - MA • Boa Vista dos Negros - RN • Caiana dos Crioulos - PB
Campinho da Independência - RJ • Castainho - PE • Conceição dos
Caetanos - CE • Conceição das Crioulas - PE • Fumas da Boa Sorte e
Fumas do Dionízio - MS • Ivaporanduva - SP • Kalunga - GO • Lage
dos Negros - BA • Mata Cavalo - MT • Mimbó - PI • Mocambo - SE
Rio das Rãs - BA • Tapuio - PI

ENTIDADES DE APOIO:

Centro de Cultura Negra do Maranhão • Movimento Negro Unificado •
Sociedade Maranhense de Direitos Humanos - PVN • SACI - SE •
Grupo Cultural Coisa de Nêgo - PI • Núcleo de Pesquisas sobre
Africanidade da UFPI • Grupo de Trabalho e Estudos Zumbi - MS •
Kilombo - Organização Negra do RN • Centro Dom José Brandão de
Castro - SE • CEDENPA - PA • Comissão Pastoral da Terra - Regional
Nordeste III - BA • Centro Luís Freire - PE • Grupo Cultural
IFARADÁ - PI • Centro Cultural Solano Trindade - PE

2º Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas



Território e Cidadania
para o povo negro!

29 de novembro a
03 de dezembro de 2000

Salvador - BA

Realização:
Comissão Nacional de Articulação das
Comunidades Negras Rurais Quilombolas

APRESENTAÇÃO

Nos dias **29 a 03 de dezembro de 2000**, os quilombolas de vários estados estarão reunidos em Salvador - Bahia no **II Encontro Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas**. Nesta data, completaremos exatamente cinco anos da realização do I Encontro Nacional, quando o povo das comunidades negras rurais se reuniu em Brasília. Era a primeira vez na história do Brasil que os quilombolas se encontravam para contar as suas histórias, falar dos seus sonhos e compartilhar experiências. Foi um momento inesquecível. O nosso I Encontro coincidia com a **Marcha pelos 300 anos da imortalidade de Zumbi**; a **Capital Federal** estava tomada pelo colorido das vestes de homens e mulheres negras de delegações de todas as regiões do país. Mulheres e homens negros se confraternizavam através de um código comum: o de pertencer ao povo negro, brasileiro, mas vivendo em um país que não nos reconhece como cidadãos plenos.

Agora, estamos realizando o **II Encontro Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas**, e dando prosseguimento à nossa história. Uma história que podemos resumir em dois tempos. O da continuidade da luta centenária em defesa do imenso e rico patrimônio cultural erguido pelos nossos ancestrais; e o tempo de despertar para os perigos atuais que rondam os territórios dos povos quilombolas, quando nossa gente enfrenta as ameaças e violências dos novos/velhos senhores: os grileiros de terra, os gananciosos capitalistas e os governos que não cumprem as leis do país, etc.

Iremos discutir neste II Encontro temas que nos desafiam, a exemplo da participação ativa dos jovens e das mulheres nos destinos dos quilombos; a aplicação adequada dos recursos financeiros; o meio ambiente; os conflitos agrários; a organização estadual e nacional dos quilombos; os impactos das políticas neoliberais e de globalização sobre a vida dos quilombos, a participação no processo da III Conferência Mundial contra o racismo, entre outros assuntos. Traremos, também, nossos cantos, danças, poesias e outras manifestações da cultura de cada comunidade.

Enfim, os quilombolas desse imenso Brasil cheios de motivações e alegria, participando do II Encontro Nacional darão mais um passo na caminhada rumo a nossa libertação como povo negro, povo negro quilombola.

PROGRAMAÇÃO

29/11 - Quinta-feira

MESA DE SOLENIDADE DE ABERTURA:

19:00hs

- Comissão Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
Ivo Fonseca – ACONERUQ/MA;
Givânia Maria- Quilombo Conceição das Crioulas/ PE;
Centro de Cultura Negra do Maranhão;
Movimento Negro Unificado;
Centro de Direitos Humanos Padre Chico;
CEAO/UFBA;
Entidades do Movimentos Sociais; Instituições;
Órgãos Governamentais; Religiosos (as); Parlamentares;

20:00hs

- Mesa - EXPERIÊNCIAS DE LUTA DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS:
Quilombo Rio das Rãs – Bahia;
Quilombo Tapuio – Piauí;
Quilombo Kalunga – Goiás;
Quilombo Ivaporanduva - São Paulo;
ACONERUQ/Maranhão;

21:30hs

- APRESENTAÇÃO CULTURAL
COQUETEL

30/11 - Quinta-feira

08:00 hs - Dinâmica

08:30 hs

- Mesa - CONJUNTURA NACIONAL , GLOBALIZAÇÃO, POLÍTICA NEO - LIBERAL E OS IMPACTOS PARA OS QUILOMBOLAS
Dep. Fed. Luis Alberto PT/BA - Movimento Negro Unificado;
Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

10:30 hs - Lanche

10:45 hs

- Mesa - RESGATE HISTÓRICO DO POVO NEGRO E III CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA O RACISMO
Drª. Luiza Bairros - Centro de Referência da Mulher Negra - Yalodê – BA e Fórum Nacional Preparatório da III Conferência Mundial Contra o Racismo;

12:30 hs - Almoço

14:00 hs

- Grupos de trabalhos
Temas:
Titulação das Terras de Quilombos;
Conflitos Agrários;
Crédito Rural;
Desenvolvimento Auto-Sustentável;
Impactos Ambientais;

16:15 hs - Lanche

16:30 hs

- Continuação dos Trabalhos em grupos

17:30 hs

Apresentação dos Trabalhos dos Grupos em 03 Mini-Plenárias.

19:30 hs - Jantar

01/12 - Sexta-feira

08:00 hs - Dinâmica

08:30 hs

- PLENÁRIA GERAL
Apresentação dos Relatórios dos Grupos de Trabalhos.

09:30 hs - Lanche

09:45 hs -

- Mesa - ARTIGO 68, TITULAÇÃO E CONFLITOS AGRÁRIOS NAS TERRAS DE QUILOMBOS:
INCRA Nacional;
Fundação Cultural Palmares/MinC;
Ministério Público Federal;
Dr. Luiz Antonio Pedrosa/SMDH/CCN/PVN -MA;
Dr. Hélio Silva Jr.- Advogado da CNCNRQ/ CEERT- SP;
Dr. Alfredo Wagner / Mestre em Políticas Públicas – UFMA;

- Educação através das manifestações culturais negras - Prof.^a Lourdes Siqueira
- Retratando os Quilombos na sala de aula. - Prof.^a Ana Célia da Silva

10:30- Intervalo para lanche

10:40 às 12:00 – Continuação das oficinas

12:00 às 14:00 – Almoço

14:00 às 16:30 – Continuação das oficinas

16:30 às 16:45 – Lanche

16:45 às 18:30- Socialização dos resultados das oficinas

18:30 às 19:30 – Jantar

Noite – Apresentação cultural e mostra de vídeo.

Dia: 30/07 – Domingo:

8:30 – Dinâmica de descontração

9:00 – Encaminhamento de propostas

11:00 – Avaliação

12:30 – Encerramento: almoço de confraternidade

14:00 – Retorno para os quilombos de origem.



PROMOÇÃO:



Centro de Cultura Negra do Maranhão

Realização:

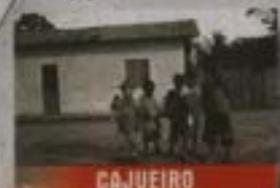
- Projeto Quilombo Resistência Negra
- Projeto Vida de Negro (do CCN e da SMDH)

Apoio:

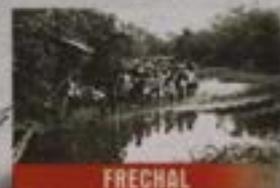
- EZE/CESE(BA)
- Fundação FORD/RJ
- Gerência de Desenvolvimento Humano do Estado

I SEMINÁRIO DE EDUCADORES(AS) DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS DO MARANHÃO

CRIANÇAS QUILOMBOLAS



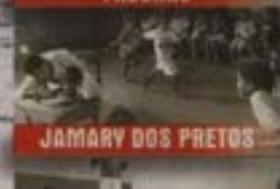
CAJUEIRO



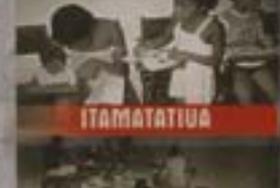
FRECHAL



FELIPA



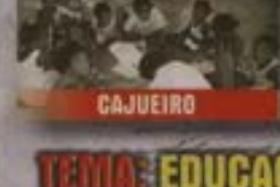
JAMARY DOS PRETOS



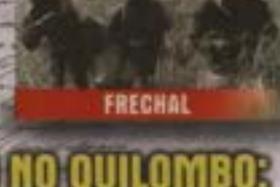
ITAMATATUIA



CAJUEIRO



CAJUEIRO



FRECHAL

TEMA: EDUCAÇÃO NO QUILOMBO: UM RESGATE HISTÓRICO DA CIDADANIA DO POVO NEGRO

LOCAL: Sítio Pirapora, Bairro Santo Antônio
Data: 27 a 30 de julho de 2000
 São Luis - Maranhão - Brasil



APRESENTAÇÃO

A socialização de crianças em torno da cultura negra traz um importante diferencial para suas vidas. Observando uma roda de capoeira, samba, pagode, tambor de crioula, coco, uma batida do afoxé, uma gira de terreiro de mina ou de candomblé, percebemos que a energia aí presente compõe a personalidade das crianças e adultos negros. Essa energia nem sempre é compreendida ou respeitada.

Na escola, por exemplo, a criança recebe diariamente estímulos negativos em relação a sua cultura e à história de seus antepassados. Oculta-se a luta e a resistência negra. É comum encontrarmos textos distorcendo o passado histórico e a cultura do povo negro na África e no Brasil. Tudo isso faz com que as crianças tenham uma imagem negativa de si mesmas, de seu povo, de sua cultura.

Para discutirmos este assunto e outros relacionados com a Educação Escolar nas comunidades negras rurais, é que estamos convidando educadoras, educadores e lideranças para pensarmos

juntas práticas pedagógicas que respeitem a diferença, buscando educar para a cidadania.

OBJETIVO

Discutir a educação como um processo de construção da identidade étnica e auto-estima de crianças negras, visando criar instrumentos que contribuam para um novo fazer pedagógico nas escolas das comunidades quilombolas.

PROGRAMAÇÃO

Dia: 27/07 – 5ª feira

Abertura

Local: Auditório do CEPRAMA

Horário: 19:00 horas.

- Representante da GDH
- Representante do CCN
- Representante da ACONERUQ
- Representante da SMDH
- Coquetel
- Apresentação Cultural

Dia: 28/07 – 6ª feira:

8:30 – Dinâmica de entrosamento

9:00 horas – Experiência do Projeto Quilombo Resistência Negra – Profª Maria do Socorro Guterres

9:20 às 10:00 horas – Mesa Temática – Identidade e Auto-Estima – Profª. Ana Célia da Silva – pedagoga, mestre e doutoranda em Educação pela UFBA – Profª. Assistente do

Departamento de Educação da Universidade Estadual da Bahia

10:00 às 10:30 – Intervenções da Plenária e Debates

10:30 às 10:45 – Lanche

10:45 às 12:00 – Continuação das Intervenções e Debate

Coordenação da Mesa: Ana Amélia Campos Mafra

12:00 às 14:00 – Intervalo p/ Almoço

14:00 às 15:30 – Mesa Temática: “Cultura Negra e Educação – a valorização da oralidade” – Profª. Maria de Lourdes Siqueira – Licenciada em Pedagogia, mestre em Ciências Sociais e doutora em Antropologia – Profª. Adjunta da UFBA. – e Maria Raimunda Araújo – Graduada em Comunicação Social, pesquisadora, diretora do Arquivo Público do Maranhão.

15:30 às 15:45 – Intervalo para o lanche

15:45 às 17:30 – Intervenções da Plenária e Debates

Coordenação da Mesa: Lúcia Regina de Azevedo Pacheco

18:30 – jantar

Noite – Apresentação Cultural e Mostra de Vídeo.

Dia: 29/07 – Sábado:

8:30 – Dinâmica de descontração

9:00 – Início das oficinas:

- Construção de material didático pedagógico - Prof. Durval Prazeres

ATO PENITENCIAL DA IGREJA

Hoje, com justa razão, se condena a Igreja que, por muito tempo, foi companheira e aliada dos senhores de escravos e só, muito tardiamente, a Igreja passou a condenar a escravidão! A missa de hoje, no Recife, meus irmãos, foi uma espécie de "ato penitencial" da Igreja do Brasil! É, nesse movimento de conversão, que a Igreja, na América Latina e no Brasil, faz a "opção preferencial pelos pobres". O Doc. de "Puebla diz que a Igreja se des-solidariza das classes dominantes, isto é, deixa de ser solidária, aliada, companheira dos ricos e poderosos, e passa para junto dos pobres, injustiçados e marginalizados. É isso que, hoje, incomoda os ricos e poderosos! Em vez de se converterem tb, como faz a Igreja, eles passam a tacar a Igreja, chamando de "comunistas" e "subversivos" os Padres, as Freiras e os Bispos! É só ver como picharam as cidades de Petrolina e Juazeiro! Neste momento, em Belém do Pará, estão presos os 2 Padres Franceses, Aristides e Francisco, que trabalhavam na Diocese de Conceição do Araguaia-PA. Queriam, até, expulsá-los do Brasil, dizendo que eles instigavam os posseiros a invadir terras e a matar os fazendeiros! Vejam só, meus irmãos: nos 400 anos em que a Igreja, no Brasil, esteve aliada com os ricos e poderosos, eles só falavam bem da Igreja. Agora que ela passa para o lado dos pobres, eles acusam a Igreja de ser "comunista", de pregar a violência e a luta de classe!

Mas, meus irmãos, não é por causa disso que vamos parar nosso trabalho, pois agora é que estamos no caminho certo, como Jesus queria! Ao começar sua vida pública, Jesus falou: "Fui enviado para evangelizar os pobres" (Lc 4,18), quer dizer: para anunciar aos pobres que Deus é nosso Pai, que Ele nos ama, que Ele quer libertar os pobres! No sermão da montanha, Jesus falou: "Bem-aventurado os pobres, por que deles é o Reino de Deus" (Lc 6,20)

PARA O NORDESTE : LIXO

Nestes últimos dias, os jornais falaram de 2 grandes perigos para nossa região: 19) A indústria de Isocianato, do Pólo Petroquímico de Camaçari, perto de Salvador, quer despejar o excedente de ácido sulfúrico na Faz. Cural Novo, Distrito de Juremal, no Município de Juazeiro. Ora, meus irmãos, o ácido sulfúrico é poluente e venenoso (é lixo químico). Vai envenenar a água, matar as plantas, os animais e as pessoas humanas.

29) A Nuclebrás, Empresa Nuclear Brasileira, de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, quer lançar o "lixo atômico" das usinas nucleares no Raso da Catarina, região-limite da Bahia, Pernambuco e Alagoas.

Estão vendo, meus irmãos! Nossa região, o Nordeste, é tão sofrida! Ora são as enchentes, ora a seca! Estamos no 39 ano da seca! Nosso povo passa fome; não tem estradas; não tem escolas! Agora, o Nordeste vai virar "depósito de lixo" do Brasil: lixo químico e lixo atômico! É isso que as grandes Empresas fazem: ficam com os lucros e para os pobres eles dão o lixo. Nordeste = depósito de lixo do Brasil! Nós protestamos e denunciemos o que querem fazer conosco!

Não aceitamos, em Juremal, Município de Juazeiro, o lixo químico da Indústria de Isocianatos: fique lá, em Salvador, no Pólo Petroquímico de Camaçari.

Não aceitamos, no Raso da Catarina, tão perto de nós, o lixo atômico! Fique lá em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro!

Vamos nos unir, meus irmãos, e protestar e denunciar! Vamos ver qual vai ser a atitude de nossos políticos, dos vereadores de Juazeiro, do Prefeito, de nossos Deputados Estaduais, Federais e Senadores. Vamos ver se eles vão defender os direitos do povo!

D. José Rodrigues de Sousa C.S.S.R.

Bispo de Juazeiro - BA

ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ZUMBI

(Programa "Semeando a Verdade", Emissora Rural, Petrolina-PE, dia 21/11/81, sexta-feira, às 18,05 h).

Hoje, 20 de novembro, é aniversário da morte de ZUMBI, o grande líder dos negros no Quilombo dos Palmares, que ficava aqui, perto de nos, nos atuais Estados de Alagoas e Pernambuco. Em nossa Cartilha "Política": A Luta de Um Povo", na pág. 14, está um resumo da história do Quilombo dos Palmares. Vejam lá, na pág. 14: Os negros eram caçados, na África, como animais, e trazidos ao Brasil pelos portugueses, para trabalhar nos engenhos de açúcar, depois nas minas de ouro e nos cafezais. A escravidão era insuportável, com arbitrariedades e maus tratos incríveis! Dá-se explicação as frequentes rebeliões dos negros, nos tempos do Brasil-Colônia. Os negros, fugidos, escondiam-se nos matos e organizavam-se em grupos para sobreviver à hostilidade do ambiente e às investidas dos brancos. Os grupos internamente coesos, recebiam o nome de "Quilombo" e as aldeias que os compunham, de "Mocambos". O mais conhecido dos quilombos foi o de "Palmares"; pois foi o de maior população: 20 mil negros; o que mais tempo durou (de 1630 a 1695); o que ocupou maior área territorial (cerca de 400 Km²), e o que resistiu mais bravamente aos ataques dos brancos.

DESTRUIÇÃO DO QUILCOMBO DOS PALMARES

Palmares se organizou como um verdadeiro Estado, com as estruturas dos Estados Africanos, onde cada aldeia tinha um chefe, as quais elegiam seu rei, e possuía um verdadeiro exército, além de fortificações em torno das aldeias que deixavam os comandantes brancos admirados. Tinha uma produção agrícola bastante avançada, que dava para a subsistência das aldeias e ainda produzia um excedente que podia ser negociado com mascates e lavradores brancos. No entanto, a existência de um Estado independente dentro da Colônia era inaceitável ao orgulho dos portugueses! Várias investidas foram feitas contra o Quilombo dos Palmares. Para arrasá-lo, foi contratado Domingos Jorge Velho! Na Escola Primária, as crianças aprendem que ele foi um grande Bandeirante! Na realidade, foi um grande bandoleiro! Por onde passava, deixava a destruição e a morte. Seu bando de jagunços saqueava as aldeias, violentava as mulheres, massacrava os índios, cortando-lhes as orelhas que carregava como troféu. A 1ª investida foi um fracasso! Na segunda, comandando 3 mil soldados - alguns historiadores falam em 8 mil - com seis caminhões, Domingos Jorge Velho conseguiu vencer os negros, arrasando o Quilombo dos Palmares! Zumbi, o rei dos Palmares, conseguiu fugir e tentou a luta de guerrilha. Mas foi preso, degolado e sua cabeça foi espetada num poste, ficando exposta na praça principal do Recife para amedrontar os negros. Era o dia 20/11/1695.

A MISSA DOS QUILOMBOS

Hoje, no Recife, foi celebrada uma missa em memória de Zumbi. A missa foi presidida por D. José Maria Pires, único Bispo negro no Brasil e Arcebispo de João Pessoa, e concelebrada por D. Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, (irmão dos pobres) e por D. Pedro Casaldáliga, Bispo de S. Félix do Araguaia, destinado defensor dos posseiros, índios e negros.

Para essa missa, D. Pedro Casaldáliga, que é poeta, mais o poeta Pedro Tierra, compuseram um "poema litúrgico", que foi musicado pelo compositor negro Milton Nascimento. A missa dos Quilombos canta a paixão, morte e ressurreição dos negros crucificados pela escravidão; canta Palmares e as favelas de hoje; os canaviais, as minas de ouro e os cafezais, onde os negros se arrebentaram de tanto trabalhar, para enriquecer os seus patrões. Dizem os historiadores que 100 milhões de negros foram escravizados e mortos nas Américas, nestes 400 anos! Eh! A raça branca tem muitos crimes na História! Massacróu os negros da África, os índios nas Américas, os amarelos na Ásia. Por isso, a raça branca será julgada pela História! E na História do Brasil, PALMARES ficará como o símbolo da resistência dos negros. E dia 20 de novembro como "DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA".